

Luís Antonio Groppo

**Dimensões educacionais das Jornadas de 2013:**

Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto

Universidade Federal de Alfenas

Alfenas-MG  
Julho de 2021

Luís Antonio Groppo

**Dimensões educacionais das Jornadas de 2013:**

Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto

Projeto de pesquisa submetido à Chamada CNPq N° 04/2021 – Bolsas de Produtividade em Pesquisa – do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Universidade Federal de Alfenas

Alfenas-MG  
Junho de 2021

**Descrição das metas atingidas em relação à pesquisa anterior**

A pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis” está sendo financiada por Bolsa PQ-CNPq até fev. 2022. Foi desenvolvido um site que divulga os resultados da pesquisa – <https://www.ocupacoesestudantis.com.br/>, nas quais também podem ser encontrados os produtos derivados da pesquisa: 10 artigos (GROPPO; ROSSATO; COSTA, 2019, SILVEIRA; GROPPO, 2019, GROPPO, 2019a, GROPPO; SILVEIRA, 2020, GROPPO; SILVA, 2020, GROPPO et al., 2020a, GROPPO et al, 2021, GROPPO; OLIVEIRA, 2021, GROPPO; ARAUJO; MORAES, 2021, COSTA; GROPPO, 2021), 2 capítulos de livro (GROPPO, 2019b, GROPPO, 2020a), 2 trabalhos completos publicados em anais (GROPPO, 2019c, GROPPO, 2020b), 1 entrevista (ARAUJO; RIBEIRO, 2021) e 4 dissertações de mestrado em Educação (BENETTI, 2019, SILVEIRA, 2019, TREVISAN, 2019, OLIVEIRA, 2020). Destacam-se também 16 palestras e conferências em eventos acadêmicos e encontros de grupos de pesquisa a respeito da pesquisa e a realização de um Seminário Nacional sobre a pesquisa (<https://www.ocupacoesestudantis.com.br/semin%C3%A1rio-nacional-da-pesquisa>).

## Resumo

Esta pesquisa tem como tema as dimensões educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil. Os sujeitos desta pesquisa, com quem o pesquisador pretende dialogar para construir conhecimentos a respeito das Jornadas de 2013 no Brasil, são pessoas que, em 2013, eram jovens militantes e ativistas de organizações políticas e movimentos sociais engajados nos protestos, preferencialmente jovens que eram então estudantes do Ensino Médio, de cursinhos pré-universitários ou da Educação Superior. O objetivo geral desta pesquisa é, desde a perspectiva desses sujeitos, analisar as dimensões educacionais das Jornadas de 2013, buscando compreender a relação desses protestos com as demandas educacionais e com as experiências escolares daqueles jovens, bem como compreender as dimensões formativas dos próprios protestos – ou seja, a formação social e política de jovens suscitada pela participação nas Jornadas de 2013. Como objetivos específicos, a pesquisa pretende: a) Fazer o levantamento e análise das pautas das Jornadas de 2013 relacionadas à educação (escolar básica, educação superior, formação profissional e outras), considerando o momento ou momentos em que emergem essas pautas, de quais formas e por quais sujeitos e organizações; b) Analisar as possíveis influências das experiências escolares das e dos participantes – sejam militantes, ativistas ou independentes que aderiram aos protestos – na decisão pelo engajamento, bem como na forma e no sentido desse engajamento; c) Analisar as influências das experiências de participação nas Jornadas de 2013 na formação social e política, por meio das práticas formativas identificadas e dos aprendizados reconhecidos por seus participantes; d) Refletir sobre as políticas educacionais durante e após as Jornadas de 2013, analisando as suas relações – de aproximação e distanciamento – com as trajetórias escolares de ativistas e militantes (sujeitos desta pesquisa) e suas experiências de formação política. Espera-se que a investigação traga alguns esclarecimentos acerca de influências ou impactos das Jornadas nas políticas educacionais, nas expectativas dos sujeitos em relação à educação escolar e nas práticas formativas das organizações políticas e movimentos sociais, temas que foram pouco tratados até agora em pesquisas sobre o evento – como atesta pesquisa bibliográfica feita para a elaboração deste projeto. A pesquisa tem como fundamentos metodológicos, a tradição da pesquisa qualitativa e da pesquisa participante e a perspectiva histórica de Jacques Rancière. Como metodologia de coleta de dados, pretende-se aprofundar a pesquisa bibliográfica sobre as dimensões educacionais das Jornadas; realizar entrevistas semiestruturadas com pesquisadoras e pesquisadores que têm obras relevantes sobre as Jornadas; e realizar entrevistas semiestruturadas com pessoas que, em 2013, eram jovens que integravam coletivos e organizações que foram importantes para os protestos nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Ceará e Pará. Entre referenciais teóricos com quem pretendemos dialogar para a análise e interpretação dos dados, destacam-se: a retomada da concepção dialética de juventude; a subjetivação política de Jacques Rancière; os processos de formulação de políticas educacionais segundo Marina Avelar e Stephen Ball; pesquisas atuais no Brasil sobre trajetória escolar; e a interpretação das Jornadas de 2013 como revoltas ambíguas (Rosana Pinheiro-Machado) e expressões do “cidadanismo” (Paolo Gerbaudo).

**Palavras-chave:** Jornadas de 2013; protesto; juventude; pauta educacional; experiência escolar; formação política.

## Índice

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. SUJEITOS DA PESQUISA.....	8
3. OBJETIVOS.....	8
3.1 Objetivo geral.....	8
3.2. Objetivos específicos.....	8
4. RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO.....	9
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
6. METODOLOGIA.....	15
6.1 Fundamentos metodológicos.....	15
6.2 Instrumentos de coleta de dados.....	17
a) Revisão bibliográfica.....	17
b) Entrevistas semiestruturadas.....	18
7. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	21
7.1 Dialética da condição juvenil.....	21
7.2 Formação política.....	23
7.3 Pautas e políticas educacionais.....	24
7.4 Trajetórias escolares.....	25
7.5 Interpretações dos sentidos históricos das Jornadas de 2013.....	26
8. CRONOGRAMA.....	28
9. RESULTADOS ESPERADOS.....	29
BIBLIOGRAFIA.....	30
ANEXO: DADOS PARA O COSAE-ED – EDUCAÇÃO.....	41

# 1. INTRODUÇÃO

As Jornadas de 2013 continuam controversas em suas interpretações e na avaliação de seu legado, naquele que foi o “maior protesto de massa da história brasileira”, tendo reunido, a depender das avaliações, “entre 10 e 15 milhões de manifestantes em mais de 500 cidades”. (ARANTES, 2014, p. 378). Como se demonstrará, entretanto, entre as análises acadêmicas não tem feito muito sucesso o tema da educação, seja em seu sentido restrito (escolar), ou em seu sentido ampliado (incluindo a formação política de modo informal e não formal). Aparentemente, isso se deve ao fato de que, segundo Fernando Haddad, a educação teria sido “saído da agenda política do país” desde os protestos de 2013. (HADDAD, 2019 p. 11).

Fernando Haddad, em 2013, era prefeito de São Paulo, um dos principais epicentros das Jornadas, e o aumento das tarifas de transporte público decidida por seu governo e o do governo estadual de Geraldo Alckmin foi o pavio da expansão nacional das Jornadas. Haddad também tinha sido ministro da Educação nos governos federais do Partido dos Trabalhadores (PT). Parece que, para ele, vaticinar o recuo da pauta educacional com as Jornadas é uma forma eufemística de considerar que os protestos, em sua “cacofonia”, recusaram o legado e as conquistas sociais dos governos Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). Em outro lado do espectro ideológico, nos dias finais daquele fatídico 2013, José de Sousa Martins (2013) afirmaria que a educação, ao lado da saúde, foi a “pauta escamoteada” das Jornadas. Tais registros indicam que o pouco que teria sido analisado sobre a educação na pauta das Jornadas de 2013 foi, justamente, a sua falta.

Contudo, talvez seja preciso um olhar mais atento e ampliado. Ainda sobre as pautas, as Jornadas, primeiro, reviraram completamente o receituário clássico das demandas dos movimentos sociais no Brasil. Destaca-se a abordagem do Movimento Passe Livre (MPL), em uma nova visão sobre os direitos sociais, tomados desde o “direito à cidade”: para acessar bens públicos democratizados, populações periféricas ou de baixa renda de quaisquer procedências dependiam de transporte público acessível e de qualidade – e o aumento da tarifa do transporte público dificultava o acesso, sem contar a qualidade sofrível do transporte e o longo tempo desperdiçado nele. (GROPPO, 2016a). Também é relevante o momento em que os protestos se ampliam pelas unidades da federação, se interiorizam e expandem os perfis de quem protesta: é agregado um emaranhado de pautas, lidas como “cacofonia” por Fernando Haddad, inclusive porque começam a ficar difíceis de serem classificadas na tradicional oposição esquerda e direita – temos, portanto, revoltas ambíguas. (PINHEIRO-MACHADO, 2019).

Nestes momentos subsequentes, a educação estará enfim presente como pauta. Realmente, ela não aparecera como pauta principal do MPL e outros coletivos autonomistas Brasil afora, como o Tarifa Zero de Belo Horizonte: neles, a educação aparece mais como parte do argumento, como o acesso às escolas e a equipamentos culturais nos centros, ou o investimento otimizado dos recursos públicos, direcionando menos verbas a empresas privadas de transporte público que ofereciam serviços de má qualidade, aumentando em contrapartida o orçamento para saúde, educação, cultura e assistência. (OLIVEIRA, 2017). A educação também não vai figurar nas faixas que puxam as manifestações: na verdade, essas faixas vão desaparecer, assim como a pauta única, substituídas por milhares, às vezes dezenas de milhares, de cartazes levantados pelas pessoas comuns, improvisados com cartolina ou até mesmo folha de sulfite. Para Soares (2019), o cartaz, para além da babélica

profusão das pautas, criava um tipo de manifestação ao mesmo tempo individual e coletiva: o cartaz não comunica exatamente um “nós” unificado, como fazia a faixa, mas, antes, se comunica com o vizinho, o qual também se comunica comigo.

Se a educação não está ausente como pauta, nem mesmo entre os argumentos para as primeiras pautas, ainda mais presente estará como dimensão formativa, como práticas de formação política. Os cartazes, levantados por sujeitos anônimos, indicam a participação direta, nas ruas, de multidões, em um número e em difusão provavelmente nunca antes vistos no país. Por si só, temos aqui um fenômeno de interesse para o campo educacional: a formação política, independente dela ter sido falha, incompleta ou desviada de roteiros progressistas esboçados pelo MPL – tendo seguido posteriormente, por exemplo, a trilha de sua cópia inversa, o Movimento Brasil Livre (MBL).

Uma terceira dimensão educacional se refere ao perfil educacional das pessoas que participaram das Jornadas, principalmente das e dos jovens ativistas dos coletivos autonomistas que fomentaram os protestos em suas fases iniciais. Provavelmente, indicarão os percursos escolares de tantas e tantos jovens que se juntaram às fases iniciais e massivas das Jornadas, demonstrando os avanços na escolarização de adolescentes e jovens nos anos anteriores, mas também os limites e as contradições. Têm sido mais profícuas as análises que apontam, na origem das Jornadas, a ambiguidade das políticas dos governos Lula e Dilma em outros setores, por exemplo: a redução da pobreza e da miséria ao lado do favorecimento do capital financeiro e dos grandes oligopólios; a proposição de programas urbanos como “Minha Casa, Minha Vida”, ao lado do agravamento das questões de moradia e o favorecimento das grandes construtoras; e o ufanismo pela escolha do país como sede de megaeventos esportivos, enquanto grandes obras superfaturadas desalojavam populações e encareciam a vida nas cidades-sede. (MARICATO et al., 2013). Mas há de se refletir melhor sobre estas contradições educacionais, tal como aponta Arantes (2014), diante do grande número de jovens oriundos das classes populares que são estudantes da Educação Superior privada que foram às ruas em 2013: depois de duras jornadas de trabalho, cursam instituições que nem sempre oferecem formação de qualidade, pagando mensalidades por vezes abusivas, ou se endividando via FIES (Financiamento Estudantil), ainda que alguns tenham conseguido bolsas via PROUNI (Programa Universidade Para Todos).

Uma quarta dimensão educacional se refere ao legado da participação nas Jornadas nas trajetórias escolares de ativistas e manifestantes. Nesse aspecto, essa pesquisa pode fazer outra aplicação da metodologia que temos utilizado para pesquisar o legado da participação nas ocupações secundaristas de 2015 e 2016, assim como ser outro caso para uma questão mais geral: que impactos têm, para adolescentes e jovens, a participação em ações coletivas tão potentes (como as Jornadas de 2013 ou as ocupações de 2015 e 2016)?<sup>1</sup> Esta análise sobre 2013 pode tratar de outra questão de grande relevância: que par compõem estas trajetórias escolares com as trajetórias das políticas educacionais desde então? Haverá congruência, ou seja, os percursos escolares acompanham os caminhos das políticas educacionais? Ou há discrepância ou contradição, na verdade, novas contradições, entre anseios, desejos e necessidades educacionais de pessoas, agora, jovens-adultas e adultas e os novos contornos dos sistemas educacionais no país?

---

1 Trata-se da pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação política das/dos ocupas”, financiada com bolsa de produtividade em pesquisa e por chamada universal pelo CNPq, desenvolvida entre março de 2019 e fevereiro de 2022. Resultados sobre o impacto nas trajetórias podem ser vistos em Groppo & Silva (2020) e Groppo & Oliveira (2021).

Certamente, pudemos vislumbrar ao menos quatro dimensões educativas das Jornadas de 2013, elas próprias amplas, complexas e ricas. Nosso estudo não tem a intenção de esmiuçar e esgotar todas elas. Pode, sim, lançar luz a diversos aspectos e elementos, compondo assim um painel geral e compreensivo sobre as Jornadas desde o ponto de vista da educação.

## 2. SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa, com quem o pesquisador pretende dialogar ou obter informações para construir conhecimentos a respeito das Jornadas de 2013 no Brasil, são pessoas que, em 2013, eram jovens militantes e ativistas<sup>2</sup> de organizações políticas e movimentos sociais engajados nos protestos, preferencialmente jovens que eram então estudantes do Ensino Médio, de cursinhos pré-universitários ou da Educação Superior. Estes sujeitos permitem um olhar aprofundado a respeito das dimensões educacionais das Jornadas, pela sua imersão no movimento desde a fase da latência<sup>3</sup> e por sua condição, então, juvenil e estudantil.<sup>4</sup>

A pesquisa não pretende abordar diretamente sujeitos e organizações conservadores e de extrema-direita, por entender que não foram os agentes mobilizadores dos protestos em 2013, tendendo a aparecer de forma oportunista nas fases massivas dos protestos.<sup>5</sup>

## 3. OBJETIVOS

### 3.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é, desde a perspectiva dos sujeitos jovens descritos no item 2, analisar as dimensões educacionais das Jornadas de 2013, buscando compreender a relação desses protestos com as demandas educacionais e com as experiências escolares daqueles jovens, bem como compreender as dimensões formativas dos próprios protestos – ou seja, a formação social e política de jovens suscitada pela participação nas Jornadas de 2013.

### 3.2. Objetivos específicos

a) Fazer o levantamento e análise das pautas das Jornadas de 2013 relacionadas à educação (escolar básica, educação superior, formação profissional e outras), considerando o momento ou momentos em que emergem essas pautas, de quais formas e por quais sujeitos e organizações;

---

2 O termo militante, aqui, se refere a formas clássicas de engajamento em organizações políticas formalizadas (como partidos e entidades estudantis) e sindicatos. O termo ativista se refere a formas de engajamento, desenvolvidas com mais destaque desde o fim do século passado, a coletivos que têm mais fluidez e maior espaço para as individualidades de seus participantes. (BRINGEL; PLEYERS, 2015).

3 Latência e mobilização de um movimento social ou ação coletiva são tomados aqui no sentido dado por Melucci (1989), sendo a latência a fase menos visível e preparatório daquela mais visível, a mobilização.

4 É claro, não se pretende nem se considera possível, em uma pesquisa deste porte, uma abordagem exaustiva e completa sobre as Jornadas. Por isso, se reconhece aqui que diversos elementos cruciais das Jornadas não serão abordados diretamente pelo pesquisador, mas sim indiretamente, por meio da interpretação destes sujeitos de pesquisa, como os perfis da massa de manifestantes, a ampliação das pautas e do número de manifestantes no segundo momento das Jornadas e a entrada em cena de organizações de direita.

5 Inclusive, diversas destas organizações que se tornaram paradigmáticas nos anos seguintes, como o Movimento Brasil Livre (MBL), se constituíram após os protestos de 2013, ainda que já havia alguns anos que a “nova direita” vinha se reorganizando no Brasil. (AMARAL, 2019).

- b) Analisar as possíveis influências das experiências escolares das e dos participantes – sejam militantes, ativistas ou independentes que aderiram aos protestos – na decisão pelo engajamento, bem como na forma e no sentido desse engajamento;
- c) Analisar as influências das experiências de participação nas Jornadas de 2013 na formação social e política, por meio das práticas formativas identificadas e dos aprendizados reconhecidos por seus participantes;
- d) Refletir sobre as políticas educacionais durante e após as Jornadas de 2013, analisando as suas relações – de aproximação e distanciamento – com as trajetórias escolares de ativistas e militantes (sujeitos desta pesquisa) e suas experiências de formação política.

**Observação:** Durante o período de vigência desta pesquisa, serei supervisor do estágio de pós-doutoramento voluntário de Vinícius Oliveira Seabra Guimarães, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UNIFAL-MG. Em seu estágio, Guimarães realizará a pesquisa “Representações político-sociais do ativismo estudantil: uma análise da mediação das Jornadas de 2013 no Brasil”, a qual subsidiará a pesquisa aqui proposta, já que Guimarães tratará com mais profundidade das dimensões midiáticas e das novas tecnologias de informação e comunicação nas Jornadas de 2013.

## 4. RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO

A pesquisa tem aderência à ciência básica, pois pretende construir conhecimentos novos e relevantes para a compreensão geral da relação entre educação e movimentos sociais, desde uma análise mais específica acerca das dimensões educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil.

Como se comprovará no item 5 (Pesquisa Bibliográfica), poucas pesquisas e trabalhos acadêmicos abordaram as Jornadas a partir de perspectivas educacionais, menos ainda desde um esforço para compreender as ações coletivas de modo mais geral, para além de um determinado local (estado ou mesmo município). Nesse sentido, a pesquisa poderá trazer algumas iluminações acerca de influências ou impactos das Jornadas nas políticas educacionais, nas expectativas dos sujeitos em relação à educação escolar e nas práticas formativas das organizações políticas e movimentos sociais. Há de se recuperar algo tão caro às pesquisas sobre os movimentos sociais: o reconhecimento de seu caráter eminentemente educativo. (ARROYO, 2003):

Ese impacto educativo en las subjetividades individuales y colectivas tal vez llegue a ser más significativo que las conquistas efectivas que las manifestaciones han producido hasta el momento, como la cancelación de los aumentos de los precios de los pasajes del sistema de transporte público, el rechazo de la PEC 37<sup>6</sup>, el destinar más recursos financieros a la salud y la educación, entre otras. Mediante este proceso se ha inducido a la sociedad brasileña a una reflexión colectiva, productora de nuevos aprendizajes. (MARTINS, M., 2013, p. 52).

A pesquisa também poderá trazer iluminações sobre a relação das Jornadas de 2013 com o ciclo global de protestos dos anos 2010 – as Ocupas ou movimento das praças. Poderá também conhecer melhor as especificidades das Jornadas em relação aos demais movimentos deste ciclo. É claro, essa relação já foi abordada em trabalhos importantes de síntese (como em GERBAUDO, 2017), mas

6 A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, encaminhada por um deputado federal, pretendia reduzir a atuação do Ministério Público na apuração de investigações criminais.

eles não tiveram como foco as dimensões educacionais, seja nas pautas, nas experiências escolares ou práticas formativas da ação coletiva. Tais dimensões, assim, podem contribuir para um maior entendimento das aproximações e distanciamentos entre as Jornadas e os diferentes movimentos das praças.

A análise das diversas experiências escolares e formações políticas podem ajudar a conhecer melhor também as aproximações e distanciamentos de militantes e ativistas em relação às “pessoas comuns” durante os protestos, assim como a dinâmica dessas relações entre a primeira fase das Jornadas (mais restrita, mas claramente progressista) e as fases posteriores (mais ampliadas e ambíguas politicamente). A descrição das potencialidades e limitações das práticas formativas mobilizadas e criadas, tanto na fase de latência quanto na de mobilização, não só ajudam a compreender as relações citadas acima, mas também a crescente cisão e acirramento político que vão operar nos anos seguintes: por um lado, houve certa continuidade de protestos de cunho progressista (protestos contra a Copa, ocupações secundaristas em 2015 e 2016 e até mesmo o “Ele não!” em 2018); por outro, houve o crescimento de organizações, engajamentos e protestos conservadores e de extrema-direita – cujo apoio ativo ajudou a eleger o candidato presidencial eleito em 2018. Nos alerta Haddad (2016), sobre a importância desse tipo de investigação para as Jornadas de 2013:

Entre as diversas interpretações a respeito das manifestações, natureza, composição e sentido político, muito pouco se escreveu sobre processos educativos e organizativos dos grupos envolvidos que pudessem servir como elementos de análises sobre as motivações e as estratégias utilizadas pelos diversos coletivos e indivíduos que se envolveram com elas. (HADDAD, 2016, p. 8).

Em sentido mais estrito, compreender as dimensões educacionais das Jornadas de 2013 ajuda a interpretar protestos com pautas centradas na educação, que aconteceram depois, como as Ocupações estudantis de 2015 e 2016, assim como os atos contra os cortes na educação superior, em maio de 2019. Em sentido mais amplo, tal compreensão ajuda a entender diversos desdobramentos ocorridos na própria educação, na vida política e na vida social, considerando os impactos e influências das Jornadas de 2013 na sociedade, sistema político e sistemas educacionais do Brasil.

A relação entre as Jornadas de 2013 e a história pregressa de nosso país ainda tem sido alvo de polêmicas, dúvidas e surpresas. Essa pesquisa talvez encontre mais chaves de leitura para compreender a deriva conservadora na política e na educação, marcantes em especial a partir de 2016. Um dos caminhos é compreender a relação entre as Jornadas, a educação escolar e a formação política de quem foi manifestante em 2013. Há diversas pistas e elementos, os dois primeiros trazidos pela pesquisa “Ocupações secundaristas em 2015 e 2016”: a) a expansão precarizada da Educação superior e mesmo do Ensino Médio, propiciando trajetos escolares repletos de ambiguidades, entre realizações e frustrações, especialmente entre adolescentes e jovens das camadas populares; b) uma educação escolar que, estrutural e sistemicamente, é despolitizada, ao mesmo tempo que abre (ou, pelo menos, abria) brechas para práticas pontuais de politização, seja pela ação de docentes e projetos da escola ou por meio de coletivos estudantis; c) a inclusão social propiciada pelo acesso ao consumo, esboçando uma cidadania consumidora, com uma série de limites e contradições, mas que, tal como os rolezinhos já no final de 2013 demonstraram, tinha uma dimensão política incidental, já que o acesso a certos bens de consumo era também uma forma de demonstrar ser capaz de se integrar à sociedade (PINHEIRO-MACHADO, 2019); d) parte

importante da juventude de classe popular é, a despeito das políticas públicas dos governos do PT, empurrada ao “precariado” – setor produtivo mais seriamente afetado pelo início da crise da acumulação do capital – esboçando então novas formas de protesto. (BRAGA, 2017).

## 5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Há grande número de produções acadêmicas que fazem menção ao tema Jornadas de Junho de 2013. Considerou-se que as publicações no Scielo seriam uma boa amostra sobre o quanto o recorte da Educação aparece nesse tema ou, na verdade, o quão pouco aparece. Foi feita pesquisa no Scielo em 6 de maio de 2021 fazendo uso dos termos “Jornadas 2013” e “Junho 2013”. Selecionando os títulos que realmente tinham relação com o tema Jornadas de Junho de 2013 e excluindo as repetições de títulos, chegamos a 66 produtos: 63 artigos e 3 resenhas.

Apenas dois produtos foram publicados em revistas na área da Educação, entretanto, somente o artigo de Sposito, Almeida e Corrochano (2020) debate propriamente a temática da educação nas Jornadas – ainda que em apenas uma seção, nesse artigo de revisão bibliográfica sobre ações coletivas juvenis. A resenha de Assis (2019) trata do livro de Maria da Glória Gohn, “Participação e democracia no Brasil”. Se Gohn é uma importante pesquisadora do campo dos movimentos sociais e educação, a resenha e o livro em questão pouco tratam da educação. 19 produtos foram publicados em revistas na área de Ciências Sociais – que, se somados aos 5 produtos publicados em revistas de Ciência Política, totalizam 24, de longe o maior número. Há ainda 9 produtos em revistas de Ciências Humanas, mas elas ficam atrás dos 11 produtos na Comunicação. Com 5 produtos, temos o Direito e Psicologia/Psicanálise. A seguir, Saúde (3), Administração (3), Geografia (2), Artes (1) e Linguística (1).

Considerando o tema principal, como visto, apenas um artigo tratou diretamente da educação. A maioria das temáticas esteve ligada a processos e instituições políticas (26 produtos, incluindo, na ordem de maior frequência, manifestação, participação, democracia, criminalização, organização, neoliberalismo, representação, reforma política, corrupção, eleições e liderança). A seguir, Comunicação e Artes, com 14 produtos (redes sociais, mídia, Internet, ativismo, midiativismo, documentário e performance). Com 5 produtos cada, a questão urbana e linguagem/discurso. Com 3 produtos cada, teoria social, saúde, cultura, psicologia/psicanálise e filosofia.

Pesquisando o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, encontramos uma distribuição similar entre as áreas, fazendo uso dos termos “Jornadas 2013” e “Junho 2013” para pesquisa. Encontramos alguns produtos significativos no campo da Educação: são 8 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado defendidas em Programas de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação.<sup>7</sup> Apesar disso, em 6 desses produtos, a educação ou termo correlato não aparece no título, nem no resumo. Nos outros 4, aparece como: autoformação em espaços virtuais (ESTÁCIO JR., 2015), manifestações como espaço de aprendizado (ROSA, 2015), experiência educativa em acampamento de protesto (CHAVES, 2015) e atuação de estudantes da Educação Superior (MENIS, 2015). Os demais produtos fazem aproximações com o campo da educação por meio da análise de experiências de ativistas e militantes (PINHEIRO, 2016, OLIVEIRA, 2017, SCHLESINGER, 2017), midiativismo (SANTOS, 2015, SILVA, 2015) e narrativas midiáticas sobre juventude (BARBOSA, 2015). Os produtos têm, como *lócus* principal de pesquisa, o Rio de Janeiro (4), seguido por São Paulo (2),

<sup>7</sup> 3 dissertações não estão disponíveis publicamente (MENIS, 2015, SANTOS, 2015, SILVA, 2015).

Rio Grande do Sul (1), Maranhão (1) e Minas Gerais (1). Uma dissertação faz uma revisão bibliográfica que destaca as Jornadas de 2013 em São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás. (SCHLESINGER, 2017). As instituições universitárias que mais pesquisaram o tema na Educação foram as do Rio de Janeiro: 3 dissertações pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e 1 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

As dissertações e teses se concentram entre 2015 e 2016, revelando o impacto imediato das Jornadas de 2013 em algumas pesquisas propostas ou já iniciadas, mas depois, certo abandono da preocupação com a temática no campo da Educação, que já era pequeno. Há um contraste com o movimento das ocupações estudantis de 2015 e 2016, que foi rápida e profundamente abraçado pelo campo de pesquisa em Educação, já que se tratou de um movimento que teve como principais *loci* as escolas públicas, assim como teve, como principais sujeitos, estudantes, e, enfim, políticas educacionais entre as pautas principais.

As Jornadas de 2013 se deram nas ruas, não tiveram a educação como uma das pautas principais – em especial, nas fases iniciais, concentradas na luta contra o aumento das tarifas do transporte público, denúncia dos impactos das grandes obras para os megaeventos esportivos e de desmandos em dados governos (especialmente, no estado do Rio de Janeiro). Na fase de expansão dos sujeitos participantes e das pautas, aí sim, a educação aparece, mas de forma vaga ou genérica, normalmente em cartazes improvisados de cartolina ao lado de tantos outros que traziam palavras-chave como saúde, trabalho, segurança, entre outros. A fase da expansão também é a que revela 2013 como uma rebelião ambígua (PINHEIRO-MACHADO, 2019), capaz de abraçar expressões as mais diversas, reunidas nas ruas de forma contraditória do ponto de vista da tradicional divisão “esquerda *versus* direita” – de modo que 2013 é apontado tanto como origem de protestos progressistas subsequentes (como os protestos contra os megaeventos esportivos e as ocupações secundaristas), quanto como dos movimentos de direita e anticorrupção que demandariam o *impeachment* de Dilma Rousseff. Os sujeitos do movimento são os mais diversos também, ainda que, de início, tenha se destacado ativistas de coletivos autonomistas, como o Movimento Passe Livre em diversos estados, e semelhantes, como o Tarifa Zero em Belo Horizonte, com a participação de muitas pessoas identificadas como “jovens” – incluindo algumas das dissertações e teses em Educação citadas acima que, justamente, concentram suas análises sobre estes coletivos e sujeitos.

Em uma pesquisa bibliográfica ampliada, fazendo uso do Google Acadêmico, encontramos apenas mais 3 produtos que tratam diretamente do tema da educação nas Jornadas de Junho de 2013. (HADDAD, 2016, MARTINS, J., 2013, MARTINS, M., 2013). Encontramos ainda autora e autor que são referências no campo da pesquisa educacional com textos sobre 2013, mas que não abordam a educação como tema principal, novamente Maria da Glória Gohn (2014a, 2014b, 2014c, 2016, 2018) e José Luís Sanfelice (2014).

Na leitura dos produtos que pertencem ao campo da educação, encontramos algumas poucas discussões sobre as pautas educacionais nas Jornadas e sobre as relações dos protestos e dos manifestantes com as escolas e universidades. O artigo de Spósito, Almeida e Corrochano (2020) referenda a avaliação sobre as pautas educacionais que esse projeto tem apresentado acerca das Jornadas, mas a completa indicando a relação estabelecida entre uma pauta mais forte no Rio de Janeiro e nas fases subsequentes das Jornadas – a corrupção:

O reconhecimento da presença dos jovens nas manifestações observadas em junho de 2013 pontuou, de maneira mais ou menos evidente, as análises que a partir daí foram empreendidas, incentivando a produção por novas interpretações. Embora os jovens fossem protagonistas relevantes, não se verificava, nesses eventos, uma agenda configurada como juvenil, uma vez que grande parte das questões presentes no campo público-político incidia sobre problemas dos moradores das grandes cidades e emitia críticas a iniciativas dos governos federal e municipais voltadas para os grandes eventos em detrimento dos investimentos em políticas públicas essenciais, tais como educação e saúde. Somava-se a esse quadro a crítica à corrupção e aos agentes políticos, revelando descrença e distanciamento das instituições que organizam o sistema político no país. (SPOSITO, ALMEIDA, CORROCHANO, 2020, p. 3).

Oliveira (2017) vem nos lembrar o quanto aqueles sujeitos estranhos dos protestos eram, na verdade, familiares a nós, educadoras e educadores:

Para além de manifestantes, vândalos, black blocs e ninjas, esses jovens das manifestações ao fim e ao cabo são os estudantes que povoam as salas de aulas das escolas e universidades brasileiras, são os sujeitos com quem lidamos diariamente. Não são “eles” lá longe, eles como “os outros”, pelo contrário. São eles aqui, estudantes e parte integrante da nossa sociedade. (OLIVEIRA, 2017, p. 169).

Em ao menos um caso, o movimento sindical docente adotou as táticas contundentes das Jornadas: durante a greve de docentes da rede municipal carioca, no 2º semestre de 2013. A greve começou usando táticas tradicionais mas, diante da recusa de negociações pelo governo ou de mediação do legislativo, a greve radicalizou e promoveu a ocupação da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. (ARANTES, 2014). Durante a repressão policial, nesse e noutros episódios do movimento docente, professoras e professores tiveram a proteção de *black blocs* (outra polêmica mas marcante figura das Jornadas), jovens que poderiam ser alunas e alunos de tais docentes – e o estranhamento foi se tornando identificação:

Nesse e em outros momentos em que foram atacados, os professores se viram protegidos pelos “demonizados” black blocs e atacados pelo Estado em diferentes níveis, quando iniciam a campanha: “O black block é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo” e também “O black bloc é meu aluno, mexeu com ele, mexeu com todo mundo”, surgindo, assim, uma nova categoria de vândalo, o Black Prof. (CHAVES, 2015, p. 69).

Há alguns dados sobre o perfil ou perfis escolares de ativistas dos coletivos, que indicam, por exemplo, a proeminência de estudantes com trajetória em escolas privadas entre ativistas do Tarifa Zero de Belo Horizonte, assim como alta escolaridade e proeminência técnica que teriam sido decisivas nas negociações com o poder público. (OLIVEIRA, 2017). Quem está no Ensino Médio ou em cursinhos, tende a ver a escola como instituição a se libertar, apostando na universidade como espaço libertador – o que nem sempre é corroborado pela realidade. (OLIVEIRA, 2017). Já os dados sobre a massa de manifestantes e ativistas nas periferias indicam outros perfis, como jovens do precariado (BRAGA, 2017), “[...] um novo e jovem proletariado de escolaridade mais alta que a renda [...]”. (ARANTES, 2014, p. 420).

Os produtos acadêmicos que pertencem ao campo da educação são mais profícuos em dados sobre as práticas educativas ou práticas formativas – de caráter não formal e informal – durante as Jornadas de 2013. Discorrem, primeiro, sobre o reconhecimento da formação suscitada pela própria prática ativista ou como manifestante nos protestos (MARTINS, M., 2013); sobre o “trabalho de base” feito pelo MPL de São Paulo nas escolas de periferia (HADDAD, 2016); sobre as redes sociais na Internet (ESTÁCIO JR., 2015); e a importância do princípio da horizontalidade (tanto meio quanto fim, tanto algo que se aprende como algo que ensina):

Foi possível identificar como quatro espaços de formação dentro do Bloco de Lutas: manifestações ou protestos, assembleias, ocupação da câmara e as aulas públicas. Em todos esses espaços a aprendizagem é conduzida pela vivência em grupo, a partir das experiências vivenciadas. (ROSA, 2015, p. 79).

A atividade de formação nas escolas tem sido um forte instrumento utilizado para mobilizar as pessoas para os atos, aqueles sensibilizados para a temática e para o ativismo político, como também para aproximar secundaristas do movimento. Depois das mobilizações de 2013, houve uma preocupação em desenvolver um trabalho mais permanente de formação. (HADDAD, 2016, p. 20).<sup>8</sup>

A horizontalidade, tão cara ao MPL, é tanto um fim como um meio, e a experiência de desconstrução da formalidade, da normalidade, do condicionamento, da hierarquização e do autoritarismo da escola, além do debate de problemas sociais que atingem a todos e todas, e um dos maiores frutos que poderíamos receber destes encontros. Nós precisamos tanto imaginar uma cidade onde todas e todos possam se movimentar com liberdade como nos auto-organizar. O que as alunas e os alunos em todas as oficinas nos ensinam, através de uma postura antiautoritária, é que a luta já acontece, na prática, de forma tão cotidiana quanto o próprio sofrimento. Nosso trabalho, por fim, será apenas reafirmar: tamo junto. (MPL SÃO PAULO, 2014 apud HADDAD, 2016, p. 25).

Os produtos também tratam dos aprendizados durante a latência, a organização e a luta, tais como o diálogo e a convivência com o diferente (CHAVES, 2015), sobre os problemas urbanos e o agir coletivo (OLIVEIRA, 2017) e a continuidade no ativismo. (ROSA, 2015). Relatos de jovens consideram a participação nos protestos como uma experiência transformadora, com impactos pessoais importantes.

As primeiras respostas me impressionaram por sua semelhança em relação a um aspecto central da aprendizagem: todas elas apontavam para o encontro com o outro, a convivência, a tolerância e a aprendizagem que se dá na relação com o diferente. E também outro aspecto começou a se repetir nas primeiras respostas: muitos sujeitos descreviam a experiência Ocupa como um “divisor de águas”. (CHAVES, 2015, p. 184).

[...] procuramos apontar as jornadas de 2013 como um agente formador, ou melhor como um agente autoformador, na medida em que possibilitou a experimentação autônoma e radical dos sujeitos que se deixaram afetar, e nós, mestrando e orientadora aí incluídos. A perspectiva da autoformação se torna um assunto muito interessante, uma vez que traz consigo uma forte dinâmica colaborativa, livre, aberta e comunicativa que reflete o trabalho e a sociedade contemporâneo. (ESTÁCIO JR., 2015, p. 59).

A pesquisa bibliográfica – no Scielo, no Google Acadêmico e no catálogo de dissertações e teses da CAPES – é interessante também ao elencar produtos que tratam de temas que, ainda que definidos fora do campo da educação, propiciam importantes aproximações com a educação.

Um primeiro bloco de temas com aproximações importantes ao campo da educação incide sobre os sujeitos e as organizações que protagonizaram as Jornadas de 2013. Primeiro, produtos sobre juventude e estudantes, incluindo a já citada Gohn (2018). (EUZEBIOS FILHO.; GUZZO, 2018, MAIA, 2014, OLIVEIRA, 2020, PEREIRA, 2016, SINGER, 2013, SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). Segundo, sobre coletivos e experiências ativistas. (ANDRADE, 2017, DOMINGUES, 2019, DOWBOR; SZWAKO, 2013, FRUGOLI Jr., 2018, GONÇALVES, 2019, LOPES, 2019, MONTEIRO, 2018, PEREZ, 2019, PLEYERS; BRINGEL, 2015, PLEYERS, 2018, PROVASI, 2016, ROCHA, 2019, SARMENTO, 2017, TAQUETTI, 2021). Terceiro, produtos sobre identidades e subjetivações. (ANDRADE, 2016, ARAÚJO, 2015, MENDONÇA, 2017, PINTO, 2018, PORTUGAL, 2016, RITTER, 2016, VENERA, 2017).

8 Dando origem, por exemplo, ao coletivo O Mal Educado, importante protagonista das ocupações estudantis em São Paulo em 2015. (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Estes textos contribuem para uma compreensão das organizações e campanhas como espaços e ações formativos, mesmo quando incidentais. Também, para conhecer processos de socialização política, construções de identidades coletivas e até mesmo rupturas em trajetórias políticas de jovens e/ou estudantes, importantes atrizes e atores nas Jornadas de 2013.

Um segundo bloco é formado por produtos que trataram de meios de informação e comunicação nas Jornadas de 2013. Entre eles, destacamos um meio que teve papel singular, em especial no momento da proliferação dos protestos e a explosão de pautas: o cartaz. (MARTINS; SILVA, 2019, SOARES, 2019, WERNECK, 2019). A seguir, as redes sociais. (ARAÚJO, 2016, FERREIRA, 2015, FIDELIS; LOPES, 2015, MACHADO; MISKOLCI, 2019, RECUERO; ZAGO; BASTOS, 2015). Enfim, as mídias mais tradicionais, sejam as comerciais, sejam as alternativas. (JESUS, 2015, BEZERRA, 2015, MELO; VAZ, 2018, PADOVANI, 2016, QUEIROZ, 2017).

Os estudos deste segundo bloco podem contribuir com a compreensão das dimensões formativas das mídias e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tantas vezes consideradas como fundamentais para o processo de mobilização das Jornadas de 2013, outras vezes também analisadas como tendo funcionado em simbiose com a atuação presencial nas ruas. O estágio pós-doutoral de Vinícius Seabra Guimarães, descrito no item 2, tratará destes temas.

A pesquisa bibliográfica feita para esse projeto, que deve ter continuidade, consultou algumas obras de caráter mais geral sobre 2013 (como ALONSO; MISCHE, 2017, ARANTES, 2014, BRAGA, 2017, CAVA; COCO, 2014, GERBAUDO, 2017, MARICATO et al., 2013, ORTELLADO, 2013, GENTILI, 2013, SANFELICE, 2014, SCHERER-WARREN, 2014). Também foram relevantes alguns produtos que tráfegaram para além do Sudeste (como ALMEIDA et al., 2018 [sobre o Rio Grande do Norte], VIEIRA, 2016 [Maranhão] e TAVARES; RORIZ; OLIVEIRA, 2016 [sobre Goiás]).

## **6. METODOLOGIA**

### **6.1 Fundamentos metodológicos**

A fundamentação metodológica desta pesquisa é a mesma que tenho usado em pesquisas anteriores sobre juventude, movimentos estudantis e educação. Por isso, diversas ideias e algumas citações são recuperadas dos projetos de pesquisa anterior.

Os princípios ético-políticos que orientam esta proposta metodológica se inspiram largamente nas tradições da educação popular, em especial em Paulo Freire (1987), bem como na pesquisa participante segundo Carlos Rodrigues Brandão (2003). Apesar de conhecer a pesquisa participante e a educação popular de Paulo Freire desde a graduação, o verdadeiro aprendizado veio com a convivência com pesquisadores experientes no Programa de Mestrado em Educação do UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo), onde trabalhei entre 1998 e 2013. Lá e depois, aprendi, reaprendi e busquei praticar esses princípios, em especial com estudantes e militantes no Grupo de Estudos sobre a Juventude da UNIFAL-MG. Esses princípios ético-políticos da pesquisa são: o sujeito pesquisador deve atuar como intérprete e interlocutor das comunidades educativas; é preciso valorizar a intersubjetividade e as vozes dos sujeitos das ações educacionais; metodologias e técnicas de investigação que destacam o qualitativo na realidade educacional precisam ser valorizadas – mas sem desconsiderar o quantitativo; e, finalmente, considera-se como primordial

interpretar os contextos, as vozes e a historicidade dos sujeitos investigados. (ANTÔNIO, 2009; GROppo; ANTÔNIO, 2016).

Nesse sentido, a postura metodológica aqui assumida é aberta para as experiências e as vozes dos sujeitos, com a escuta atenta, o diálogo e a valorização do qualitativo, ou seja, dos sentidos que aquelas e aqueles que agem atribuem às suas ações.

A compreensão é categoria chave nas chamadas pesquisas ou metodologias qualitativas. Ela está na origem desta concepção de ciência e é ponto em comum das múltiplas metodologias qualitativas. É a chamada tradição *verstehen* ou hermenêutica, a qual pressupõe que as ações dos sujeitos sempre têm um ou mais sentidos ou significados a compreender. Em todas estas metodologias qualitativas, o pesquisador é o principal instrumento de investigação, o que pressupõe contato direto e prolongado com a realidade pesquisada, que gera uma profusão de dados predominantemente qualitativos, tais como descrições detalhadas, citações literais do que é dito e trechos ou íntegras de documentos. A realidade é concebida como uma construção social, da qual o investigador é partícipe e em cujo seio o significado das ações só pode ser compreendido levando-se em conta as inter-relações mais amplas estabelecidas por estas ações com seu contexto (holismo). (GROppo; ANTÔNIO, 2016, p. 20).

Peço licença para citar um trecho do projeto de pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, que serve para referendar a intenção dialógica e participativa das pesquisas em que sou proponente:

A voz do pesquisador não se quer solitária, externa e superior, mas, ainda que reconhecidamente diferente da dos sujeitos pesquisados, quer se acompanhar de ouvidos atentos e de grande capacidade de diálogo. Ao interpretar as relações educacionais, o pesquisador, para além de oferecer um relatório ao mundo científico, quer pensar para e com as comunidades educativas estudadas. Quer se colocar também na posição de interlocutor com os sujeitos das intervenções educativas, podendo inclusive ser uma espécie de ponte entre as concepções elaboradas pelas ciências (teorias, conceitos e metodologias) e as práticas educativas presentes no cotidiano destes sujeitos. Para que esta intermediação seja possível, é ainda mais lícito o bom rigor científico – jamais o contrário – pois que se coloca tal qualidade ao dispor das comunidades educativas e de seus educadores-e-educandos. (GROppo, 2015, p. 32).

A vivência da pesquisa e a constante reflexão sobre ela, leva agora à incorporação de mais outra importante referência metodológica: a perspectiva histórica de Jacques Rancière. A discussão historiográfica não é eixo da obra de Rancière, mas seus comentários, ainda que breves, sobre o modo como tratou dos relatos e experiências de operárias e operários da França do século XIX, em *A noite dos proletários*, é uma grande inspiração. (RANCIÈRE, 2010a, 1988).

O corpo teórico de Rancière se tornou original quando assumiu a pressuposição radical da igualdade entre todas as pessoas, algo que teria desenvolvido como resultado da pesquisa para *A noite dos proletários*, fruto de investigações em arquivos históricos sobre a imprensa operária francesa dos anos 1830 a 1850. (RANCIÈRE, 1988). Rancière chega a contestar os fundamentos da historiografia desenvolvida desde o século XIX, aquela que dizia ter superado o relato da vida das realidades e dos “grandes fatos” em favor do cotidiano e da vida das multidões. Segundo Rancière, em suas diferentes vertentes, marxista ou cultural, essa nova história não trata os textos e as falas populares como tendo valor em si mesmos: eles são apenas indício, sintoma ou ideologia – há, sim,

verdades a descobrir, mas elas estariam por detrás das falas populares, na forma de processos e estruturas que só a historiografia poderia desvendar. (VOIGT, 2018).

O encontro de Rancière com proletárias e proletários, tentando produzir jornais e trocando cartas sobre suas próprias impressões acerca da vida, fez com que o filósofo francês não apenas superasse aquela visão sobre a história, mas também que encontrasse sua posição como intelectual (RANCIÈRE, 2010a).

O encontro com as publicações do operariado o levou a descobrir que estas pessoas não viviam apenas imersas em seu trabalho diurno e seu descanso noturno, que eram capazes de ser “expectadoras” de sua própria classe social e falarem sobre si mesmas. Desse modo, o filósofo e historiador francês passa a considerar que elas também eram intelectuais – qualquer pessoa é –, rejeitando a distância entre duas populações (a que trabalha e a que pensa). Passa a defender como corolário uma igualdade ou semelhança entre as pessoas “que deve ser reconhecida e colocada em jogo na própria produção do conhecimento” (RANCIÈRE, 2010a, p. 120). (GROPPO, 2020a, p. 217).

Se somos iguais como seres humanos, também somos iguais como sujeitos históricos: temos a mesma capacidade intelectual e de ação sociopolítica. Todas as criações culturais e intelectuais são válidas, e não apenas o supostamente mais iluminado texto historiográfico e científico de especialistas. São olhares diversos sobre o mundo, a vida e a história, mas equivalentes em seu valor: “Desse modo, escrever história passa a significar um relato de nossa própria aventura intelectual entre os sujeitos históricos [...] e um convite para quem lê que faça a ‘sua própria tradução’ (RANCIÈRE, 2010a, p. 121)”. (GROPPO, 2020a, p. 218). Desse modo, os sujeitos a serem entrevistados, e não apenas especialistas sobre as Jornadas de 2013, mas também aqueles que foram protagonistas nas ruas, não serão consideradas como pessoas meramente movidas pelo turbilhão dos processos e seres encaixados em estruturas sociais: também são intérpretes e artífices de seu tempo, sujeitos políticos e sujeitos históricos, com quem a pesquisa buscará dialogar para construir sua própria interpretação – não a revelação de algo oculto ou transcendente – e contribuir com novas mobilizações sociais progressistas – não com um programa ou um corolário de ação, mas como rememoração das lutas sociais esquecidas, derrotadas e, como talvez seja o caso das Jornadas, traídas. (BENJAMIN, 2017).

A pesquisa e seu projeto atenderão os padrões éticos normatizados pela Resolução n. 510/2016, sobre a Pesquisa com Seres Humanos nas Ciências Humanas. (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016). O projeto será submetido ao Comitê de Ética da UNIFAL-MG, por meio do registro de seu protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil.

## 6.2 Instrumentos de coleta de dados

### a) Revisão bibliográfica

Entende-se a revisão bibliográfica ou revisão da literatura como um estudo prévio e necessário a qualquer pesquisa, tratando do que foi produzido de mais relevante no tema em questão. (LUNA, 1996, LIMA; MIOTO, 2007). Também se entende a pesquisa bibliográfica como procedimento ou um dos procedimentos de pesquisa adotado para a resolução de problemas ou à consecução de objetivos de pesquisa. (LIMA; MIOTO, 2007). A revisão bibliográfica e a continuidade da pesquisa bibliográfica também serão necessárias para a construção e refinamento do referencial teórico da pesquisa. (ALVES, 1992).

Dar-se-á continuidade à pesquisa bibliográfica, iniciada para este projeto, sobre as Jornadas de 2013 no Brasil, considerando em especial os seguintes temas de interesse: pautas educacionais; experiências e trajetórias escolares das e dos manifestantes, ativistas e militantes; formação política; sujeitos e organizações; juventude e estudantes; coletivos e experiências ativistas; identidades e subjetivações; meios de informação e comunicação; interpretações gerais; e casos específicos.

A revisão bibliográfica será fundamental para uma compreensão mais geral dos sentidos das Jornadas de 2013 e suas dimensões educacionais mais amplas, ao menos para a construção de um quadro interpretativo global que será cotejado com as entrevistas.

## **b) Entrevistas semiestruturadas**

As entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores que fizeram trabalhos importantes sobre as Jornadas de 2013, assim como de pessoas que, em 2013, eram ativistas e militantes de coletivos e organizações, serão de caráter semiestruturado. Compreende-se a entrevista semiestruturada como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 188). A abordagem da pessoa entrevistada, a condução da entrevista e as preocupações com a intersubjetividade se baseiam na proposta da entrevista reflexiva segundo Szymanski (2004):

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou essa proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto a busca de horizontalidade. (SZYMANSKI, 2004, p. 14-15)

As entrevistas poderão contar com o apoio de estudantes de pós-graduação e graduação da UNIFAL-MG, na forma de pesquisas de mestrado em Educação e Iniciações Científicas com bolsa ou voluntárias. Pretende-se construir um Grupo de Trabalho (GT) no interior do Grupo de Pesquisa “Filosofia, História e Teoria Social” da UNIFAL-MG, com o apoio do Grupo de Estudos sobre a Juventude da mesma universidade, para realizar as atividades de pesquisa empírica. Existe a possibilidade de que estudantes de Ensino Médio com Bolsa de Iniciação Científica Júnior acompanhem todas as fases da pesquisa, inclusive a realização das entrevistas (como observadoras e observadores), participando das transcrições e das reuniões para a interpretação e análise dos dados colhidos.

Haverá uma grande preparação para os sujeitos entrevistadores, com reuniões para o estudo de textos de metodologia de pesquisa, a discussão sobre o roteiro e sobre a primeira entrevista em cada categoria de pessoas entrevistadas (pesquisadoras/pesquisadores e ativistas/militantes) – essas primeiras entrevistas terão também caráter de teste. Após a realização da primeira entrevista em cada categoria, será avaliado pelo GT a viabilidade do roteiro e da forma de condução da entrevista, podendo ser feitas modificações no roteiro e na condução. As entrevistas terão seu áudio gravado e a transcrição fará uso de *softwares* para transcrição.

Nosso desejo é de que o maior número possível de entrevistas seja realizado presencialmente. Para tanto, primeiro, ansiamos que haja o suficiente recrudescimento da pandemia da Covid-19, assim como tenha acontecido a vacinação de toda a população. Segundo, esperamos conseguir recursos por meio de Editais de financiamento de pesquisa das agências de fomento e da própria UNIFAL-

MG, para deslocamentos dos membros do GT para as entrevistas. As entrevistas presenciais nas diversas regiões brasileiras permitirão que os membros do GT entrem em contato com parte da realidade local, inclusive para conhecer locais que abrigaram os protestos, entre outros. Isso trará mais elementos à pesquisa, colaborando na contextualização das entrevistas e na compreensão da diversidade do movimento das ocupações. Do mesmo modo, essa vivência será importante para a própria formação das e dos estudantes que são membros do GT, enriquecendo sua constituição como pesquisadoras e pesquisadores.

Nos casos em que a condição sanitária e/ou os recursos disponíveis não permitam, as entrevistas serão feitas de modo remoto, com recursos como Google Meet e outras plataformas digitais disponíveis e escolhidas pelas pessoas entrevistadas. As entrevistas serão feitas nos horários escolhidos pelas pessoas entrevistadas, assim como os locais – no caso das entrevistas presenciais.

#### • **Entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores sobre 2013**

A entrevista semiestruturada com pesquisadoras e pesquisadores sobre as Jornadas de 2013 seguirá um roteiro preestabelecido, mas que admitirá acréscimos pelo sujeito entrevistador, para esclarecimentos e aprofundamentos. Esse roteiro conterá questões gerais, aplicadas a todas as pessoas, e questões específicas, de acordo com os enfoques de cada pesquisadora e pesquisador sobre as Jornadas. Entre as questões gerais: motivos que levaram a pesquisar as Jornadas; interpretação geral sobre as Jornadas; mudanças nessa interpretação ao longo do tempo; o entendimento sobre a relação entre as Jornadas e as transformações sociais e políticas posteriores; as pautas educacionais nas Jornadas; a presença de jovens, estudantes e profissionais da educação entre ativistas, militantes e manifestantes; a formação política de ativistas e militantes e a formação política propiciada pela participação nas manifestações; e impactos nas políticas educacionais das Jornadas.

A lista definitiva das pesquisadoras e pesquisadores que receberão o convite para entrevistas será definida a partir de pesquisa bibliográfica. Entretanto, já se vislumbram os seguintes nomes, por suas obras de interpretação geral sobre as Jornadas ou por pesquisas que aproximam as Jornadas das dimensões educacionais de interesse desta pesquisa:

- Ari Lemo Pinheiro Júnior – por sua pesquisa de campo com os *black blocs* em São Paulo (PINHEIRO Jr., 2016);
- Breno Bringel – por sua relevante produção sobre o movimento estudantil contemporâneo, incluindo trabalhos sobre as Jornadas de 2013 em cotejo com o movimento mundial das praças, ao lado de G. Pleyers. (BRINGEL; PLEYERS, 2015, PLEYERS, 2018).
- Giuseppe Cocco – pelas publicações que organizou e escreveu a respeito das Jornadas (CAVA; COCCO, 2014)
- Igor Thiago Moreira Oliveira – por sua tese de doutorado a respeito do Tarifa Zero em Belo Horizonte, além de pesquisas anteriores sobre o movimento Praia da Estação na mesma cidade. (OLIVEIRA, 2017).
- Janice Tirelli Ponte de Sousa – por suas pesquisas a respeito dos movimentos juvenis desde os anos 1990, incluindo pesquisa sobre coletivos juvenis atuantes nas Jornadas. (SOUSA, 2014).
- Léo Vinícius – por suas pesquisas a respeito do movimento antiglobalização no Brasil e conhecimento sobre os coletivos autonomistas no Brasil. (VINICIUS, 2014).
- Maria da Glória Gohn – pelas suas pesquisas sobre movimentos sociais e educação, incluindo trabalhos sobre as Jornadas de 2013. (GOHN, 2014c).

- Marília Pontes Spósito – pelas suas pesquisas sobre juventude, educação e movimentos sociais, assim como sua grande atualização teórica e empírica. (SPÓSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020).
- Pablo Ortellado – por suas pesquisas a respeito do movimento antiglobalização no Brasil e conhecimento dos coletivos ativistas no Brasil, além de relevantes reflexões sobre as Jornadas. (ORTELLADO, 2013).
- Paulo Eduardo Arantes – por suas reflexões a respeito das revoltas sociais em cotejo com as transformações na sociedade contemporâneo, a partir da filosofia social. (ARANTES, 2014);
- Sarah Nery Siqueira Chaves – por sua tese de doutorado a respeito do movimento Ocupa em Niterói-RJ, inclusive durante as Jornadas de 2013. (CHAVES, 2015).
- Sérgio Haddad – reconhecido pesquisador da educação, que refletiu sobre as dimensões formativas do MPL São Paulo. (HADDAD, 2016).

Os convites serão feitos a partir da rede de contatos acadêmicos e militantes do pesquisador e do GT. Pretende-se entrevistar 12 pessoas, seguindo lista a ser elaborada em ordem de prioridade.

- **Entrevistas com militantes e ativistas de coletivos e organizações**

A entrevista semiestruturada com militantes e ativistas de coletivos e organizações atuantes nas Jornadas de 2013 também seguirá um roteiro preestabelecido, admitindo acréscimos. Esse roteiro pretende trazer dados, relatos e experiências destas pessoas que participaram ativamente das fases de latência e mobilização das Jornadas, com o objetivo de compreender as dimensões educacionais que temos destacado ao longo do projeto. Algumas questões podem repetir ou se aproximar das que serão feitas a pesquisadoras e pesquisadores, tratadas acima (interpretação sobre as Jornadas, influências históricas, pautas educacionais, formação política, impacto nas políticas educacionais e trajetórias escolares). Mas outras serão específicas, como: motivações para participar da organização das ações preparatórias e do próprio protesto; forma de participação; trajetória escolar e formação política pregressa às Jornadas; impactos na trajetória política e escolar; informações, impressões e opiniões sobre a formação política e trajetória escolar de outros membros do coletivo ou organização da qual participou e a de outros manifestantes, entre outras.

Pretendem-se analisar pessoas participantes de organizações e movimentos atuantes em 2013 em 7 estados do país, abarcando as 5 regiões. Sudeste terá três estados contemplados, pela importância de cada um, não apenas pelo tamanho dos protestos, mas por suas especificidades: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (que é também o estado onde se localiza a instituição do pesquisador proponente). Nas demais regiões, foi escolhido o estado que, segundo pesquisa exploratória, teve manifestações com o maior número de participantes.

Em cada estado, inicialmente, pretende-se entrevistar uma pessoa que representa cada coletivo/organização, sempre em sua capital. São Paulo terá dois coletivos sondados: o Movimento Passe Livre-São Paulo (MPL-SP), por sua visibilidade então, e o Mídia Ninja, por permitir abordar melhor a importância das mídias alternativas e da Internet nas Jornadas e sua relação com os aspectos educacionais. Minas Gerais, também: o Tarifa Zero, por sua relevância em 2013, e a Assembleia Popular, como um legado interessante das lutas de 2013. Os demais estados, serão contemplados com apenas um coletivo/organização cada:

*a) Região Sul*

- Rio Grande do Sul: Bloco de Lutas pelo Transporte Público (Porto Alegre)

*b) Região Sudeste*

- São Paulo: Movimento Passe Livre-São Paulo e Mídia Ninja (capital)
- Minas Gerais: Tarifa Zero e Assembleia Popular (Belo Horizonte)
- Rio de Janeiro: Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas (capital)

*c) Região Centro-Oeste*

- Goiás: Frente de Luta do Transporte Público (Goiânia)

*d) Região Nordeste*

- Ceará: Comitê Popular da Copa de Fortaleza (Fortaleza).

*e) Região Norte*

- Pará: Movimento Passe Livre-Pará (Belém).

A cada uma das 9 pessoas entrevistadas inicialmente, será solicitada que indiquem ativistas/militantes que atuaram nas Jornadas no interior dos estados. Assim, está prevista a realização de 18 entrevistas com ativistas/militantes.

Recorde-se que as pessoas que serão recrutadas eram ativistas/militantes de coletivos/organizações durante as Jornadas de 2013. Não se espera que tenham mantido o engajamento, seja nesses coletivos, seja em outros. Na verdade, os coletivos/organizações citados acima, em uma primeira sondagem, em sua maioria deixaram de existir ou reduziram muito a sua atuação. O importante é a condição ativista/militante durante as Jornadas de 2013. Inclusive, trajetórias de desengajamento – assim como as da continuidade do engajamento, bem como reengajamentos – são também interessantes para a pesquisa, ao demonstrar diferentes impactos da formação política suscitada pelas Jornadas.

## 7. REFERENCIAIS TEÓRICOS

### 7.1 Dialética da condição juvenil

Desde minha pesquisa sobre juventude e práticas socioeducativas no Brasil, tenho buscado aplicar a proposta da dialética da juventude ou da condição juvenil para entender as juventudes brasileiras e suas relações com as políticas públicas, as organizações da sociedade civil, os movimentos sociais e as ações coletivas. (GROPPO et al., 2018). Nessa pesquisa, considerei que poderia ser frutífero aplicar a noção de dialética da condição juvenil para entender as Jornadas de 2013, como uma mobilização social que também expressou frustrações das juventudes brasileiras em relação às contradições e aos limites das assim chamadas políticas públicas de juventude (PPJs). A pesquisa agora proposta, neste projeto, é a oportunidade de retomar essa sugestão.

Em artigo oriundo da pesquisa supracitada, procuro definir a dialética da juventude, com base em obras anteriores (como Groppo, 2000):

[...] as juventudes se movem, contraditoriamente, entre processos de institucionalização e autonomia dos jovens. A dialética da juventude se dá pela presença de elementos contraditórios no interior das instituições criadas para a suposta socialização dos jovens, como as escolas. Estes elementos sempre colocaram o que se definiu como oficial em estado de contestação, em estado de possível superação. Tais elementos são oriundos da possibilidade de autoconstrução, pelos jovens, de formas de pensar e agir diversas daquelas desenhadas institucionalmente – ainda que esta proximidade entre tantos sujeitos jovens tinha sido proporcionada, justamente, pelas instituições. As juventudes na sociedade moderna sempre estiveram envoltas em tensões, conflitos, rearranjos institucionais e

resistências contra-instituintes. As juventudes foram e são parte das lutas sociais para estabelecer o domínio de certos grupos sociais, seu projeto político e visão de mundo. E parte das lutas para resistir a este domínio. (GROPPO, 2016b, p. 399).

A proposta, portanto, é fazer uma entrada teórica e conceitual sobre as dimensões educacionais das Jornadas de 2013 desde a sociologia da juventude, mais propriamente, desde a concepção dialética da condição juvenil. A expectativa é compreender as relações entre as PPJs (a institucionalidade) e as Jornadas (revoltas compostas por jovens) como uma unidade contraditória. Parece haver um paradoxo: já eram, então, anos de PPJ que propunham dada participação de jovens para o seu “desenvolvimento” pessoal, tanto quanto o desenvolvimento social; irrompem, talvez subitamente para nós da sociologia da juventude, que vínhamos focando demasiadamente o institucional, coletivos com grande presença de jovens estudantes que acenderam o pavio do que Arantes (2014) definiu como insurgência. Estes coletivos, como os que queremos rememorar via entrevistas, foram capazes de promover discussões amplas e profundas relacionadas à estrutura socioeconômica e política, seja, entre outros, pelo foco nos “20 centavos” – como o MPL-SP –, seja pela reeleitura não ufanista dos megaeventos esportivos, tratando dos impactos das grandes obras. Os paradoxos foram sucedendo, entretanto, como a inserção posterior de pautas e sujeitos sociais pouco progressistas, em meio às multidões que se engajavam subitamente nos protestos, assim como as oscilações das mídias comerciais, primeiro criando a caricatura do “vandalismo”, depois se arrogando o direito de separar o joio do trigo nas grandes manifestações – e o trigo eram jovens marchando pacificamente, sob a manta do nacionalismo, da pauta anticorrupção e a postura antipartidos.

A concepção da dialética da juventude vem se recriando com o diálogo com a concepção do jovem como sujeito social e a interpretação das relações entre condição juvenil e estudantil por uma vertente lúcida e criativa da sociologia da juventude brasileira, representada por Marília Spósito, Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Maria Carla Corrochano e outros. (SPÓSITO, 2010, DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014, CORROCHANO; LACZYNSKI. 2021, Uma importante referência desta vertente é o teórico dos novos movimentos sociais, Alberto Melucci, com quem também temos dialogado. A relação entre juventude e ação coletiva estabelecida por Melucci traz importantes balizas para pensar as formas de participação de pessoas jovens nos protestos e movimentos sociais, e o próprio sentido dos movimentos juvenis.

Jovens, especialmente na fase inicial da juventude, a adolescência, têm uma relação muito aberta com o tempo social, segundo Melucci (1997). Os movimentos que emergem das juventudes são laboratórios que testam e praticam “novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos”. (MELUCCI, 1997, p. 12-13). As ações coletivas protagonizadas por jovens multiplicam o potencial das ações para a subversão da lógica dos códigos dominantes, por exemplo, via a profecia e o paradoxo. Em 2013, por exemplo, a profecia apareceu na dimensão prefigurativa de diversas táticas políticas, como a horizontalidade e o assembleísmo, como exemplificam o MPL e a Assembleia Popular em Belo Horizonte: contra o burocratismo e a tecnocracia governamental, a abertura à palavra para qualquer cidadã e cidadão e a busca por decisões consensuais. Essas táticas de alguma forma prenunciavam a sociedade e a política desejadas, com “[...] a mensagem de que o possível já é real na experiência direta dos que o proclamam”. (MELUCCI, 1997, p. 12). O paradoxo, por sua vez, revela o código dominante via seu exagero ou inversão, tal qual a ideia de que é preciso trancar a avenida, parar de vez o trânsito, justamente para lutar e conquistar maior mobilidade urbana (MARICATO et al., 2013); ou, ainda, pela revelação de que o verdadeiro

“vandalismo” vinha da repressão estatal às manifestações, como profissionais do jornalismo puderam verificar na própria pele. (SANFELICE, 2014).

## 7.2 Formação política

Para abordar a formação política, desejo fazer uso de ideias e categorias que têm sido frutíferas em pesquisas mais recentes que tenho coordenado, sobre os coletivos juvenis na universidade e as ocupações secundaristas. (GROPPO et al., 2020b, COSTA; GROppo, 2018). Trata-se do foco sobre a formação de sujeitos políticos, com base em Jacques Rancière, em diálogo com E. P. Thompson. Em artigo recente, junto com Isabella Silveira, esboçamos uma continuidade entre a dialética da juventude e a subjetivação política de Rancière. (GROPPO, SILVEIRA, 2020).

O movimento das ocupações estudantis transfigurou a juventude, em especial a sua fração adolescente, de categoria etária a categoria política – a juventude se torna, em alguns lugares, durante certo tempo, uma classe, no sentido de Thompson, e, principalmente, um sujeito político, no sentido de Rancière. [...] A dialética das juventudes, ao novamente focar os movimentos juvenis e estudantis, revela que é sua vocação menor servir para a análise das mediações entre a estrutura de classes e a estrutura das categorias etárias. [...] A dialética das juventudes é, antes, recurso de interpretação das rebeldias, revoltas, contestações e movimentos juvenis. Ela flagra momentos e espaços em que jovens constituem-se como sujeitos políticos e, por meio da modificação de sua experiência peculiar, do seu modo de estar no mundo e no tempo como pessoas jovens, fissuram a ordem social, denunciam a lógica “policial” e permitem viver a utopia da “comunidade dos iguais”. (GROPPO; SILVEIRA, 2020, p. 18).

A noção de subjetivação política, categoria filosófica de Jacques Rancière (1996, 2010b), tem sido aplicada em nossas últimas pesquisas para pensar os processos de engajamento e politização durante as ocupações estudantis.<sup>9</sup> Ela tem ajudado a relativizar ainda mais a concepção tradicional de socialização política, que destina peso excessivo a pessoas adultas e à integração a instituições e valores políticos pré-determinados. (OPPO, 1998). Nos debates mais recentes sobre socialização política, se reconhece o papel ativo dos sujeitos que são socializados, a complexidade dos contextos, as transformações institucionais e a não inexorabilidade das trajetórias. (TOMIZAKI; DANILIAUSKI, 2018, SEIDL, 2014).

As pesquisas atuais sobre socialização política têm grande capacidade de demonstrar as continuidades (e as possibilidades de descontinuidade) entre a formação política – dentro da família, da escola e outros grupos primários e secundários – e os engajamentos políticos. (BRENER, 2014, FILLIAULE, 2015). O que a noção de subjetivação política tem trazido, desde a inspiração de Lúcia Rabello de Castro (2009), é a abertura do olhar para o contingente e o inesperado – para além da descontinuidade e de certas rasuras nas trajetórias socialmente esperadas. A experiência pessoal e coletiva nas ocupações estudantis foi, para a quase totalidade de adolescentes que se envolveram, como tendem a dizer, um “divisor de águas em suas trajetórias”. Mas, para algumas e alguns essa experiência, que permitiu uma vivência da política e um engajamento profundo em uma ação coletiva, levou a uma construção de si como sujeito político que era muito improvável a depender de suas trajetórias escolares, familiares e sociais pregressas. Nesses casos, a categoria de subjetivação política é ainda mais valiosa para compreender suas vivências – ou seja, sobre como o

---

<sup>9</sup> Temos buscado ser cuidadosos nesta aplicação, já que se trata de uma categoria filosófica transposta à pesquisa social.

contingente se converte em ação coletiva, ameaça romper a ordem dada e constrói novos valores políticos. (GROPPO; OLIVEIRA, 2020).

### 7.3 Pautas e políticas educacionais

Os próximos dois itens se constituem em novos desafios teóricos para o proponente, já que não constam como centrais em sua atuação como pesquisador, mas são necessárias para responder aos objetivos da presente pesquisa.

O primeiro novo desafio é abordar o tema das pautas e das políticas educacionais, talvez melhor, os entrelaçamentos entre ações coletivas e a institucionalidade escolar – considerando sistemas, legislações, metodologias e currículos consagrados.<sup>10</sup> A pesquisa bibliográfica pretende aprofundar as referências sobre esta temática, mas partimos da rota indicada por Marina Avelar em breve capítulo para o livro-manifesto *Educação contra a barbárie: como tem se dado hodiernamente a formulação de políticas públicas*, incluindo entre os atores institucionalizados da sociedade civil e da sociedade política, foco de Avelar (2019), os protestos e as organizações rebeldes.

Avelar (2019, p. 74) identifica uma nova tendência da gestão pública, por meio da qual “Estados estão se afastando de sistemas mais hierarquizados em direção a redes de governanças complexas e dinâmicas”. Essas redes passam a formular e executar políticas públicas, incluindo a educação, entrelaçando governo, entidades filantrópicas e mercado. Fica tênue a linha que separa o público e o privado, e profissionais circulam de um lado a outro. (PERONI, 2013). Na educação, tanto o setor privado com fins lucrativos quanto o setor privado sem fins lucrativos vêm se destacando nessas redes de política educacional. A tendência, entretanto, mais que a privatização, é o da despolitização e a desdemocratização da formulação dessas políticas, passando cada vez mais a ser jogo de especialistas e *lobbies* mais ou menos ocultos. A questão que fica é o quanto as Jornadas conseguiram – ou ao menos esboçaram – a politização e a democratização da formulação em geral de políticas públicas, desde o transporte e as grandes obras para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, afetando inclusive a educação. O quanto não se conseguiu parece mais claro, a considerar as expressas reformulações do sistema educacional e das políticas curriculares nos últimos anos, por exemplo, a implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC e a aprovação da Lei de Reforma do Ensino Médio em 2017.

A principal referência de Avelar é Stephen Ball, cuja elaboração teórico-metodológica para a análise das políticas educacionais nos parece também outro importante ponto de partida. Considero que Ball faz um interessante diálogo entre teorias críticas e pós-estruturalistas das ciências humanas em suas obras, contribuindo, entre outros, para compreender a nova cultura na qual se embebem as políticas educacionais e a própria educação nas últimas décadas, marcada por termos como excelência, qualidade e empreendedorismo, constituindo mesmo um novo gerencialismo. (BALL, 2011).

---

10 No campo das políticas de saúde, dois artigos trataram das influências das Jornadas. (IANNI, 2015, MACEDO et al., 2016).

## 7.4 Trajetórias escolares

A pesquisa sobre as ocupações secundaristas tem abordado o tema das trajetórias escolares, ao tratar do impacto da experiência de participar de uma ação coletiva nas trajetórias daquelas e daqueles adolescentes, como se viu no item 7.2. O desafio é buscar referências mais específicas sobre o tema das trajetórias escolares, ou seja, “os percursos percorridos pelos indivíduos ao longo da sua vida escolar” (BITTAR, 2015, p. 49), para dialogar com o que abordamos no item 7.2 sobre formação política, subjetivação política e socialização política.

No Brasil, há um legado consistente, fruto de pesquisas de sociólogas como Maria Alice Nogueira, Zaia Brandão e Marília Pinto de Carvalho, que dialogam com referenciais como os de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, entre outros. Estas abordagens tendem a pensar a influência de experiências escolares em dado nível de ensino em relação aos subsequentes, ou então a fatores mais prolongados ou definitivos, externos à escola (condição socioeconômica, escolarização dos pais, gênero, raça, orientação sexual etc.). Trata-se de uma perspectiva análoga ao que debatemos no item 7.2 sobre socialização política, e ambas são fundamentais para a pesquisa.

Entretanto, lá mesmo no item 7.2, tentamos indicar o quanto pode ser importante o impacto de uma experiência juvenil extra-cotidiana – no caso, a participação em protesto ou ação coletiva de caráter político. A presente pesquisa pretende novamente avaliar como se deu essa relação, mas agora com as Jornadas de 2013, um evento que, em números absolutos, envolveu ainda mais pessoas diretamente – engajadas nos protestos – que as ocupações de 2015 e 2016. Nossas pesquisas têm demonstrado, nos casos estudados, tanto sobre jovens da universidade quanto secundaristas das ocupações, que há um complexo embricamento entre tendências acumulativas da socialização e os impactos contingentes da experiência na ação coletiva, assim como o peso do contexto sociopolítico – que, no retorno à “normalidade” do cotidiano, tende a atuar de modo desfavorável para a manutenção do engajamento ativista ou militante de adolescentes e jovens que se inseriram nas ações coletivas. (GROPPO et al., 2020b). Em relação às trajetórias escolares, a participação nas ocupações secundaristas tem sido decisiva para a decisão de dar continuidade aos estudos na Educação Superior, assim como o tipo de universidade (em geral, pública), o tipo de curso e o sentido da decisão (que tende a se politizar). (GROPPO; OLIVEIRA, 2021).

A aplicação e o aprimoramento desses modelos de análise, no diálogo mais efetivo com novas pesquisas sobre trajetórias e experiências escolares, também será tarefa das fases iniciais desta pesquisa. Elas oscilam entre a perspectiva mais estrutural de Bourdieu e Passeron (1975) e aquela mais interacionista de Lahire (1997). Por exemplo, Senkevics e Carvalho (2020) perguntam sobre velhas e novas formas de estratificação educacional da juventude brasileira, após anos de massificação do Ensino Médio e a chegada de significativo número de jovens à Educação Superior, primeiras e primeiros de suas famílias: apesar da ampliação do acesso, funcionam novas e velhas barreiras marcadas por classe, gênero e raça. Já os estudos de Brandão (2007) e Nogueira, Aguiar e Ramos (2008) trataram das práticas das famílias das elites para reproduzir os privilégios educacionais e suas posições superiores na hierarquia social, como o investimento em escolas de elite e as experiências educacionais internacionais.

## 7.5 Interpretações dos sentidos históricos das Jornadas de 2013

Algumas interpretações acerca das Jornadas de 2013 foram importantes para a construção deste projeto e serão fundamentais, a princípio, para a análise dos dados. Elas esboçam um desenho interpretativo mais geral sobre as Jornadas que alicerçaram mesmo este projeto, portanto, valem a pena ser apresentadas aqui, de forma sintética.

Paulo Arantes (2014), em seu instigante ensaio, está mais interessado no que as Jornadas podem revelar sobre “o novo tempo do mundo”, o espírito do tempo presente, calcado em uma forma perversa de capitalismo alimentado por uma ideologia neoliberal regressiva e protegida por um Estado crescentemente repressivo, que tem reduzido a distância entre o bélico e o policial. Arantes adota o termo *insurgência* para definir as Jornadas, ou como ele prefere, “Junho”. Encontra a nomeação de *insurgência* em Silvio Mielli, de certa forma roubando o termo criado pelos adversários – defensores do Estado repressivo neoliberal – para denominar o agonista difuso (no limite, toda a população pode ser tratada como *insurgente*). *Insurgência* é tratado por Mielli e Arantes como *profanação* (termo usado por Giorgio Agamben). Trata-se da profanação do capitalismo como religião, celebrado como neoliberalismo, erigido como sistema de deveres a serem prontamente cumpridos independentemente dos seus objetivos, em um interminável “ritual de sofrimento” que marca o mundo do trabalho atual, tão bem ilustrado pelos *reality shows* em que, segundo Silvia Viana, a eliminação tem que ser cumprida de todo modo, já que ela é meio e fim – tal qual os campos de extermínio descritos por Primo Levi. Assim, Junho teria sido uma série de “profanações cometidas por gente sem nome que não está nem pedindo para sair nem aceitando as porradas da vida”. (ARANTES, 2014, p. 400). Diante do processo de dessubjetivação operado pelos dispositivos contemporâneos da sociedade de controle, conforme descreve Agamben, a profanação de Junho é uma subjetivação conflituosa. (ARANTES, 2014).

André Singer (2013), em ensaio bastante debatido, discorda do uso do termo Jornadas para se referir ao que prefere chamar apenas de “acontecimentos” de Junho de 2013 – já que “jornadas” caberia apenas a insurreições ou revoluções que levassem a profundas transformações sociais e políticas, tal qual as Jornadas de 1848, o que não seria o caso de 2013. Seu artigo se destaca por identificar dois públicos principais nos protestos, em ambos os casos, predominantemente jovens, especialmente o segundo: a classe média tradicional, com um inconformismo difuso; um novo proletariado que, apesar de sua maior escolarização, tem sofrido mais as agruras da precariedade e da precarização do mundo do trabalho. Singer (2013) considera que, ideologicamente, Junho se caracteriza por um centro liberal, crítico ao gigantismo do Estado – entre os extremos mais visíveis, ou seja, os progressistas do MPL (que dominam a primeira fase), e a direita anti-petista (que marca a segunda fase).

Entretanto, Rui Braga (2017) considera que o liberalismo de classe média caracteriza apenas a segunda fase dos protestos – mais massiva e midiática. Sua análise busca caracterizar o sentido principal das Jornadas como revoltas do jovem precariado contra os impactos do avanço da mercantilização do trabalho, que conviviam contraditoriamente com o aumento da formalização das relações de trabalho durante o lulismo – não impedindo o aumento dos acidentes de trabalho, da rotatividade, da terceirização e da flexibilização da jornada de trabalho. O jovem precariado teve, para Braga (2017), papel-chave nas Jornadas, assim como as periferias – menos cobertas pela mídia

e por pesquisas acadêmicas, que preferiram tratar das classes médias aderindo aos protestos centrais. O autor também trata da continuidade dos protestos entre o precariado para além da segunda fase de Junho, registrando o enorme crescimento de greves ao longo de 2013 e de movimentos como os dos trabalhadores sem-teto, vislumbrando ainda as pautas do jovem precariado nos rolezinhos desde o fim do 2013 e as ocupações estudantis em São Paulo em 2015.

Pablo Ortellado (2013) considerava que as Jornadas, no que se refere à pauta das tarifas, foi vitoriosa. Os coletivos que deram início aos protestos, como o MPL-SP, trouxeram uma pauta única e inegociável de revogação dos aumentos, enquanto se orientavam taticamente pelo autonomismo anticapitalista, valorizador da horizontalidade e da ação direta. O sucesso de Junho estaria nessa conciliação da lógica libertária da autonomia com a meta imediata de revogação dos aumentos.

Mas a análise posterior de Ortellado (2017), quanto ao legado das Jornadas, seria menos otimista. Para tanto, ele evoca o instigante livro de Paolo Gerbaudo (2017) sobre o movimento das praças entre 2011 e 2016, ciclo de protestos que inclui as Jornadas de 2013 ao lado da Primavera Árabe, dos Indignados espanhóis, do Ocupe Wall Street, protestos na Praça Tahrir na Turquia e o *Nuit Debout* na França. Gerbaudo busca demonstrar que o movimento das praças combinou o neoanarquismo – a recriação do anarquismo e autonomismo pelo movimento antiglobalização – com o “cidadanismo” – a recriação do populismo radical democrático no alvorecer do século XXI. Na verdade, o elemento mais importante seria mesmo esse cidadanismo. Trata-se de um populismo que erode a ideia da representação da vontade popular por lideranças personalistas, preferindo o aprofundamento democrático pela participação pessoal e direta nos protestos. Daí a funcionalidade das táticas neoanarquistas da horizontalidade, assembleísmo, decisões consensuais e ação direta, assumindo não tanto pautas identitárias e anticapitalistas, mas sobretudo denúncias contra os desmandos de elites econômicas e políticas e aspirações por uma recriação democrática do Estado nacional. (GERBAUDO, 2017).

Segundo Ortellado (2017), as Jornadas de 2013 tiveram um momento inicial de confluência entre ativistas/militantes – tanto autonomistas quanto socialistas, em especial a esquerda descontente com os governos do PT – e cidadãs e cidadãos “comuns”. Na primeira fase de Junho em São Paulo, por exemplo, aliaram-se táticas e aspirações do MPL com anseios de cidadãs e cidadãos “comuns”. Entretanto, diante de atos cada vez mais massivos, caracterizados mais por um populismo radical difuso do que por um anticapitalismo, a esquerda autonomista se assustou e até desprezou esta multidão inesperada. O cidadanismo foi interrompido, a insatisfação popular teria se tornado órfã e “terminou sendo explorada mais tarde por lideranças da direita”. Ainda assim, “correntes marginais” tentaram manter vivo o “cidadanismo” brasileiro, buscando combinar populismo e horizontalidade, como Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte, os protestos contra a Copa em 2014 e as ocupações estudantis em 2015 e 2016. (ORTELLADO, 2017).

Finalmente, a considerar as sugestões de Rosana Pinheiro-Machado (2019), é preciso verificar até que ponto as Jornadas de 2013 foram, ao menos em parte, nas fases massivas que surpreenderam o MPL, “revoltas ambíguas”. Assim ela também caracteriza os “rolezinhos” de jovens da periferia na virada de 2013 a 2014 e a “revolta da caçamba” (paralisação nacional de caminhoneiros em 2018). Tratam-se de revoltas que parecem ter, como fundo comum, um desejo difuso de se rebelar ou se posicionar contra os efeitos perversos das políticas neoliberais e da crise econômica, assim como profunda insatisfação com a classe política. As formas de ação, pautas e demandas, entretanto, são



## 9. RESULTADOS ESPERADOS

Reafirmando o apresentado no item “Relevância”, a pesquisa tem aderência à ciência básica, pois pretende construir conhecimentos novos e relevantes para a compreensão geral da relação entre educação e movimentos sociais, desde uma análise mais específica acerca das dimensões educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil.

Também se reitera a expectativa de que a pesquisa construa novas chaves de leitura para compreender os rumos de nossa sociedade em relação à educação e à formação política, as quais que têm apresentado vieses regressivos especialmente a partir de 2016. A pesquisa busca fazer isso procurando interpretar a relação entre as Jornadas, a educação escolar e a formação política de quem foi manifestante em 2013. Ela parte de algumas trilhas já abertas, inclusive pela pesquisa atual (“Ocupações secundaristas em 2015 e 2016”): a) a expansão precarizada da Educação superior e mesmo do Ensino Médio teria propiciado trajetos escolares repletos de ambiguidades, entre realizações e frustrações, especialmente entre adolescentes e jovens das camadas populares; b) a educação escolar tem sido marcadamente despolitizada, mas vinha abrindo brechas e frestas para práticas pontuais de politização, seja pela ação de docentes e projetos da escola, seja por meio de coletivos estudantis; c) houve uma inclusão social propiciada pelo acesso ao consumo, esboçando uma cidadania consumidora, com uma série de limites e contradições; d) as formas de participação das juventudes populares e periféricas nas Jornadas de 2013 recebem grande influência do fato delas terem sido empurradas ao “precariado” (BRAGA, 2017), a despeito das políticas inclusivas e de redistribuição dos governos federais do PT.

Nesse sentido, a pesquisa poderá trazer importantes entrelaçamentos empíricos sobre as relações entre políticas educacionais, sistemas educacionais, práticas de formação política das juventudes e cenários econômicos e políticos. A análise desses entrelaçamentos poderá trazer relevantes contribuições para a pesquisa básica em educação e movimentos sociais.

A pesquisa tem as seguintes metas:

- a) Formação de um Grupo de Trabalho (GT) para a pesquisa no interior do Grupo de Pesquisa “Filosofia, História e Teoria Social” da UNIFAL-MG, com apoio do Grupo de Estudos sobre a Juventude da UNIFAL-MG e a participação de: estagiário de pós-doutorado (Vinícius Seabra Guimarães); mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação; estudantes de graduação bolsistas de Iniciação Científica;
- b) Publicação de 5 artigos em periódicos A1 e A2 em Educação, com os resultados da pesquisa;
- c) Apresentação dos resultados da pesquisa em 4 eventos internacionais e/ou nacionais em Ciências Humanas, com a publicação de resumo e trabalho completo;
- d) Publicação de 1 livro com os resultados gerais da pesquisa, com coautorias de estagiário de pós-doutorado, mestres, estudantes de mestrado e de graduação com bolsas de Iniciação Científica, nos moldes de livros anteriores que foram frutos de pesquisas de Produtividade financiadas pelo CNPq (GROPPO et al., 2020b, 2018, 2013).
- e) Realização de um evento de caráter nacional ou regional sobre a pesquisa, para divulgar os seus resultados e consolidar rede de pesquisa em torno desta investigação – nos moldes do Seminário

Nacional da Pesquisa Ocupações Secundaristas no Brasil (<https://www.ocupacoesestudantis.com.br/semin%C3%A1rio-nacional-da-pesquisa>).

f) Construção de um site da Internet para divulgar os resultados da pesquisa, nos moldes do site para a pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016”. (<https://www.ocupacoesestudantis.com.br/>).

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Lindijane et al. Os movimentos sociais urbanos em Natal/RN: uma análise sobre a Primavera de Junho na Cidade do Sol. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 13, p. 7-32, <http://dx.doi.org/10.17127/got/2018.13.001>

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**. v. 36, n. 2, p. 144–159, 2017.

ALVES, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 81, p. 53-60, 1992.

AMARAL, Marina. Jabuti não nasce em árvore: como o MBL se tornou líder nas manifestações pelo impeachment. In: JINKINGS, Ivana (Org.). **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política o Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANDRADE, Michel Renan R. **As manifestações de Junho de 2013 no Brasil: modos de subjetivação e as condições para uma resistência a partir da análise dos discursos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza/CE, 2016, 190 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3875465](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3875465). Acesso em 6 maio 2021.

ANDRADE, Flávio Lyra de. **Movimentos sociais, crise do lulismo e ciclo de protesto em junho de 2013: repertórios e performances de confronto, crise de participação e a emergência de um quadro interpretativo autonomista**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017, 519 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5837144](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5837144). Acesso em 6 maio 2021.

ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2009.

ARANTES, Paulo. Depois de junho a paz será total. In: \_\_\_\_\_. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 353-460.

ARAÚJO, Etyelle Pinheiro de. **“Não tá acontecendo nada e eles passam pra tocar um terror” - repressão policial e construções identitárias em narrativas de manifestantes de junho de 2013**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, 134 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2434550](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2434550). Acesso em 6 maio 2021.

ARAÚJO, Claudia Juliette do Nascimento. **Jornadas de junho de 2013: a rede em rede**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4889725](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4889725). Acesso em 6 maio 2021.

ARAUJO, Ronaldo; Silva, Mônica R. Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016. Entrevista com Luis Antonio Groppo. **Revista Trabalho Necessário**, v. 19, n. 39, 2021. <https://doi.org/10.22409/tn.v19i39.49540>

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**. v. 3, n. 1, p. 28-49, jan. /jun. 2003.

ASSIS, Tauã Carvalho de. Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25 e250027, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782020250027>

AVELAR, Marina. O público e o privado e a despolíticação nas políticas educacionais. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 73-79.

BALL, S. J. Sociologias das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez. 2011.

BARBOSA, Liége Freitas. **De “rebeldes sem causa” a “ninjas” e “organizadores do caos”**: a reinvenção da juventude nas narrativas midiáticas das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação, Canoas/RS, 2015, 179 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2549619](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2549619). Acesso em 6 maio 2021.

BENJAMIN, W. **O anjo da História**. Porto: Porto Editora, 2017.

BENETTI, Andréa Marques. “Meu grito não tem medo do teu falo”: a formação política no interior de coletivos estudantis feministas. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2019. Disponível em: <https://c6ee6991-13b2-43fd-8811-af175a4b44f0.filesusr.com/ugd/6dcd0e0be49713479404f99f638d9a2c1ac54.pdf>. Acesso em 30 maio 2021.

BEZERRA, Patrícia Rangel M. **Mediatização e circulação de sentidos nas Jornadas de Junho de 2013**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015, 187 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2883741](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2883741). Acesso em 6 maio 2021.

BITTAR, Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 47-61, 2015. <https://doi.org/10.17666/308947-61/2015>

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.

BRAGA, Rui. Os sentidos de junho. In: \_\_\_\_\_. **A rebeldia do precariado**: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**. A experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Zaia. A produção das elites escolares: escolas, família e cultura. Cadernos CRH, Salvador, v. 20, n. 49, p. 15-22, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000100002>

- BRENER, Ana Karina. Socialização política nos percursos de jovens militantes de partidos políticos. In: CARRANO, Paulo; FAVERO, Osmar (orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói: Editora da UFF, 2014a. Cap. 2, p. 31-54.
- BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... dois anos depois. Polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nueva Sociedad**, p. 1-14, 2015. Disponível em: [https://static.nuso.org/media/articles/downloads/COY1\\_Bringel\\_Pleyers.pdf](https://static.nuso.org/media/articles/downloads/COY1_Bringel_Pleyers.pdf), acesso em 4 jun. 2021.
- CAMPOS, Antônia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.
- CASTRO, L. R. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisas**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 479-487, 2009. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722009000400003>
- CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. (Organizadores). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. São Paulo: Annablume, 2014.
- CHAVES, Sarah Nery Siqueira. **#Ocupa: uma experiência educativa**. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2411441](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2411441), acesso em 6 maio 2021.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>, acesso em 28 maio 2018.
- CORROCHANO, Maria Carla; LACZYNSKI, Patrícia. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas Críticas**, n. 27, 1–19, 2021.. <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.36720>
- COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio. Narrativas, memórias e experiências: o processo de ocupação estudantil na Baixada Fluminense. **Linhas Críticas**, n. 27, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36242/30021>. Acesso em 01 jul. 2021.
- COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/o-movimento-de-ocupacoes-estudantis-no-brasil/> Acesso em 05 jun. 2021.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio**. Sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DOMINGUES, Leticia Birchal. **Junho de 2013: atores, práticas e gramáticas nos protestos em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 43-55, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300004>
- ESTÁCIO JUNIOR, Paulo. **Movimentos Insurgentes e Autoformação no contexto do Império e da Multidão**. 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3302085](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3302085). Acesso em 06 maio 2021.

EUZÉBIOS FILHO, Antonio; GUZZO, Raquel Souza Lobo. A conjuntura após junho de 2013: olhares cruzados sobre participação política e resistência. **Psicologia USP**, v. 29, n. 2, p. 159-168, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170081>

FERREIRA, Maria Alice Silveira. **#BHNasRuas**: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do Facebook. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015, 185 f.

FIDELLIS, Fernanda; LOPES, Flor Marlene E. Jornadas de Junho de 2013: formas de mobilização online e a ação de ativistas em Brasília por meio do Facebook. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 12, n. 1, p. 37-53, 2015. <https://doi.org/10.5102/uc.v12i1.3381>

FILLIEULE, O. Propuestas para un análisis procesual del compromiso individual. **Intersticios** – Revista Sociológica de Pensamiento Crítico. Murcia, v. 9, n. 2, 2015, p. 197-212. Disponível em: <https://www.intersticios.es/article/view/15549>, acesso em 15 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRUGOLI JR., Heitor. Ativismos urbanos em São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 75-86, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000100005>

GENTILI, Pablo (ed.). **OSAL – Observatório Social de América Latina**. Ano XIV, n. 34, 2013. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20131107012902/osal34.pdf>. Acesso em 6 maio 2021.

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag**. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, Maio/Ago. 2014a. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200013>

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, 2018. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000100008>

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014c.

GOHN, Maria da Glória. Pluralidade da representação na América Latina. **Revista Sociedade e Estado**. v. 29, n. 1, 2014b. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100005>

GOHN, Maria da Glória. Vozes que gritam e vozes silenciadas na América Latina. **Civitas** – Revista de Ciências Sociais, v. 15, n. 3, p. 491-509, 2016. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.19476>

GONÇALVES, Murilo Gelain. **Bandeiras, pedras e tambores**: atuação dos anarquistas nas Jornadas de Junho a partir do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público. Dissertação (Mestrado Em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 202 f.

GROPPO, L. A. et al. O maior, o mais ignorado, o mais combatido: o movimento das ocupações estudantis no Paraná em 2016. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.22456/2595-4377.110919>

GROPPO, L. A.; ARAUJO, Ronaldo M. L.; MORAES, Verena C. M. O movimento das ocupações estudantis no Pará. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.14, p.e14509, 2021. <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.14509>

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, M. A. Ocupações secundaristas em Minas Gerais: subjetivação política e trajetórias. **Educação & Sociedade**. v. 42, p. 1-18, 2021. <https://doi.org/10.1590/es.240770>

- GROPPO, L.A. et al. A experiência de ocupar e as práticas formativas: ocupações secundaristas em Minas Gerais em 2016. **Inter-Ação**, Goiânia, v.45, p.1030-1047, 2020a. <https://doi.org/10.5216/ia.v45i3.63727>
- GROPPO, L. A. et al. **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas**: política, educação, cultura e religião. 1. ed. São Carlos/SP: Pedro & João, 2020b. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/coletivos-juvenis-na-universidade-e-praticas-formativas-politica-educacao-cultura-e-religiao/> Acesso em 06 maio 2021.
- GROPPO, L. A. Ocupas em escolas mineiras em 2016: experiências de formação política e denúncias de violações de direitos. In: GARCIA, Maria Lúcia; BERNARDES, Franciani (org.). **Contrarreformas ou revolução**: respostas ao capitalismo em crise. São Paulo: Cortez, 2020a, p. 207-226.
- GROPPO, Luís A. Práticas formativas de coletivos juvenis universitários e de ocupas de escolas de Ensino Médio In: **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**. XX ENDIPE Rio-2020.1 ed. Rio de Janeiro; Petrópolis: Faperj; CNPq; CAPES; Endipe, 2020b, v.1, p. 933-946.
- GROPPO, Luís Antonio; SILVA, Rodrigo M. D. Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul. **Estudos Avançados**. v. 34, p.409-424, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.024>
- GROPPO, L. A.; SILVEIRA, Isabella B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, Vitória, v. 12, p. 7-21, 2020. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v12i1>
- GROPPO, Luís Antonio. A pesquisa como ato político na contemporaneidade: juventude e educação. **Revista de Ciências da Educação**. v. XXI, p. 53-68, 2019a. <https://doi.org/10.19091/reced.vi0.838>
- GROPPO, Luís Antonio. Ocupações estudantis em 2016: Lutas, aprendizados e violações de direitos da juventude In: **Tópicos em Direitos Humanos e Políticas Públicas**. Volume 1. Belo Horizonte: Poisson, 2019b, v.1, p. 14-21. Disponível em: <https://poisson.com.br/2018/produto/topicos-em-direitos-humanos-e-politicas-sociais-volume-1/> Acesso em 10 maio 2020.
- GROPPO, Luís Antonio. Ocupações estudantis em 2016: lutas, aprendizados e violações de direitos da juventude In: 7º Encontro Internacional de Política Social e 14º Encontro Nacional de Política Social, 2019c, Vitória/ES. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**. Vitória: UFES, 2019c. v. 1. p.1–12. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/25216/17372>. Acesso em 10 maio 2020.
- GROPPO, L. A.; ROSSATO, M.; COSTA, M. Extensão, pesquisa e engajamento: aprendizado de lutas e dores no Seminário Memorial das ocupações estudantis. **Revista Conexão UEPG**, v.15, p.59 - 68, 2019. <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.15.i1.0008>
- GROPPO, Luís Antonio et al. **Juventude e práticas socioeducativas**. Alfenas/MG: UNIFAL-MG, 2018. 214f. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/ebooks>. Acesso em 01 jun. 2021.
- GROPPO, L. A. Utopias de junho. **Espaço Acadêmico**. n. 186, p. 52-60, 2016a.
- GROPPO, Luís Antonio. Sentidos de juventude na Sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 383-402, 2016b.
- GROPPO, Luís Antonio; ANTÔNIO, Severino. A Participação do Educador na Pesquisa em Educação Sociocomunitária: Observação Participante e Pesquisa Participante. In: BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antonio Carlos. (orgs.). **Metodologia em Educação Sociocomunitária**. Jundiá, Paco Editorial: 2016, p. 15-44.

GROPPO, Luís Antonio. **A dimensão educativa das organizações juvenis**. Estudo dos processos educativos não formais e da formação política no interior de organizações juvenis de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Projeto de pesquisa apresentado para o Programa Bolsa Produtividade (PQ) em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), 2015.

GROPPO, L. A. et al. **Sociologia da Educação Sociocomunitária**: ensaios sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal. 1. ed. Holambra: Setembro, 2013. Disponível em: [https://c6ee6991-13b2-43fd-8811-af175a4b44f0.filesusr.com/ugd/6dcdf0\\_d528b64b91414a7ebe282fa6bac6d6ea.pdf](https://c6ee6991-13b2-43fd-8811-af175a4b44f0.filesusr.com/ugd/6dcdf0_d528b64b91414a7ebe282fa6bac6d6ea.pdf). Acesso em 01 jun. 2021.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HADDAD, Fernando. Prólogo. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 11-14.

HADDAD, Sérgio. Novas formas de ativismo social: o que há por trás das mobilizações de rua? O Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP). **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n. 02, p. 572-601, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27500>. Acesso em 6 maio 2021.

IANNI, Áurea M. Z. A política posta em questão: o sucesso do 13º Congresso Paulista de Saúde Pública **Saúde & Sociedade**, São Paulo, v. 24, supl.1, p.13-18, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015S01001>

JESUS, Mauricio Jose de. **Disputas simbólicas e técnicas no espaço urbano**: a Mídia Ninja nas Jornadas de junho. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultura) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas/BA, 2015, 97 f.

JUDENSNEIDER, Elena et al. **20 centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, p. 37-45, 2007.

LOPES, Juliana. Uma paisagem urbana contemporânea: os coletivos de cultura jovens. In: MONTECHIARE, Renata; MEDINA, Gabriel (orgs.). **Juventude e educação**: identidades e diretos. São Paulo: FLACSO, 2019. p. 56-71.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.

MAIA, Lucas. As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. **Enfrentamento**. Goiânia: ano 9, N. 15, jan/jun. 2014.

MACEDO, Alex dos S. et al. O papel dos atores na formulação e implementação de políticas públicas: dinâmicas, conflitos e interesses no Programa Mais Médicos. **Caderno EBAPE.BR**, v. 14, Edição Especial, Rio de Janeiro, p. 593,616, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395117188>

MACHADO, Jorge Machado; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de Junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9310>

- MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**. Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do país. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.
- MARTINS, Bruno Guimarães; SILVA, Rubens Rangel. A emergência do cartaz nas Jornadas de Junho: excesso de palavras e políticas da escrita insurgente. **Revista Mídia e Cotidiano**. v. 12, n. 3, 2018. <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v12i3.26952>
- MARTINS, José de Souza. A pauta escamoteada. **O Estado de S. Paulo**, 29 dez. 2013, p. E8.
- MARTINS, Marcos Francisco. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013. **Pasos** – Tercera Época, San José, Costa Rica, n. 161, p. 34-54, 2013.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo Roberto Givaldi. E a corrupção coube em 20 centavos. **Galaxia** (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 39, p. 23-38, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255434843>
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6, p. 5-14, 1997.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova**, São Paulo, n. 17, jun. 1989, p. 49-66. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451989000200004>.
- MENDONÇA, Ricardo F. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 66, p. 130-159, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i66p130-159>
- MENIS, Paulo. **Juventude e as jornadas de junho**: as manifestações de rua em 2013, em Imperatriz-MA. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, 2015. [não disponível no Portal da Capes].
- MONTEIRO, Marina. **“De pedra e pau”**: etnografia sobre o Levante Popular de junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro e suas continuidades. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andrea Moura de Souza; RAMOS, Viviane Coelho Caldeira. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200004>
- OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. **Sonhos diurnos em meio aos destroços do presente**: o movimento Tarifa Zero e a luta pelo direito ao transporte em Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, 268 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5187886](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5187886). Acesso em 6 maio 2021.
- OLIVEIRA, Mara Aline Oliveira. **Ocupações secundaristas poços-caldenses**: um devir menor na Educação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2020. Disponível em: <https://200.131.224.39:8443/handle/tede/1714#preview-link0>. Acesso em 10 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Natália Pires. **Movimento estudantil liberal**: de junho de 2013 ao impeachment de Dilma Rousseff. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, 2020, 121 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10117989](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10117989). Acesso em 6 maio 2021.
- OPPO, A. Socialização política. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (org.). **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1202-1206.

ORTELLADO, Pablo. “Cidadanismo” interrompido. **Folha de S. Paulo**, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1894308-cidadanismo-interrompido.shtml>. Acesso em 10 fev. 2021.

ORTELLADO, Pablo. Reflections on the Free Fare Movement and other “new social movements”. **Mediações**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 110-117, 2013. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2013v18n2p110>

PADOVANI, Gustavo. **Junho, 2013: o acontecimento discursivo transmídia**. Dissertação (Mestrado em Imagem em Som) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2016, 139 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4610449](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4610449). Acesso em 6 maio 2021.

PEREIRA, Cláudia S. Ainda somos os mesmos?: representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. **Famecos – Mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, 2016. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22285>

PEREZ, Olivia Cristina. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública – Revista do CESOP**. vol. 25, nº 3, set.-dez., p. 577-596, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912019253577>

PERONI, Vera Maria V. **Redefinições das fronteiras entre o público e o privado: implicações para a democratização da educação**. Brasília: Liber Livro, 2013.

PINHEIRO JR., Ari Leme. **Narrativas de protesto: a Copa das Black Blocs**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2014. 206 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3413243](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3413243). Acesso em 6 maio 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINTO, Celi Regina Jardim. O que as teorias do reconhecimento têm a dizer sobre as manifestações de rua em 2013 no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, V. 31, n. esp., p. 1071-1091, 2016. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922016.0spe0012>

PLEYERS, Geoffrey. **Movimientos sociales em el Siglo XXI: perspectivas y herramientas analíticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181101011041/Movimientos\\_sociales\\_siglo\\_XXI.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181101011041/Movimientos_sociales_siglo_XXI.pdf)>. Acesso em 20/dez./2018.

PORTUGAL, Luisa Pressburger. **Política e Estética da Política na Obra de Jacques Rancière**. Duas narrativas sobre as manifestações de 2013 no Brasil. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016, 124 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4000747](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4000747). Acesso em 6 maio 2021.

PROVASI, Beatriz. Atos como Performance na Ocupação do Espaço Urbano: contra um modelo de cidade para os megaeventos. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 429-459, set./dez. 2016. <https://doi.org/10.1590/2237-266061977>

QUEIROZ, Felipe Baptista Campanuci. **Produzindo o Perigoso: imprensa e Lei nas jornadas de junho**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, 130 f. Disponível em [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6042723](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6042723). Acesso em 6 maio 2021.

RANCIÈRE, J. **Nas margens do político**. Lisboa: KKYM, 2010b.

- RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: arquivos do sonho operário. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. **Urdimento**, v. 1, n. 15, p. 107-122, 2010a.
- RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marcos T. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. **Galaxia**, São Paulo, n. 28, p. 199-216, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014217911>
- RITTER, Eduardo. Conhecimento de si mesmo e comunicação cidadã: do conformismo à ação nos protestos de junho de 2013. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.2, p.115-129, maio/ago. 2016. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201628>
- ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, e20190076, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/001152582019189>
- ROSA, Roberta Soares da. **Pedagogia dos movimentos sociais**: as manifestações de 2013 como espaço de aprendizado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 103 f. 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2545839](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2545839) Acesso em 6 maio 2021.
- SANFELICE, José Luís. Vandalismo ou movimento social? As Jornadas de Junho (2013). **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 4-14, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13084>. Acesso em 6 maio 2021.
- SANTOS, Arthur William C. **Rebaixada**: midiativismo contra os megaeventos. Dissertação (Mestrado em Educação Cultura e Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. [não disponível no Portal da CAPES].
- SARMENTO, Rayza; REIS, Stephanie; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. As Jornadas de Junho no Brasil e a questão de gênero: as idas e vindas das lutas por justiça. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no 22. Brasília, p 93-128, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220172203>
- SCHLESINGER, Miguel Tiriba. **Os movimentos sociais de juventude e as lutas pelo direito à cidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, 105 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5049395](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5049395). Acesso em 6 maio 2021.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brail 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200012>
- SEIDL, Ernesto. Engajamento e investimentos militantes: elementos para discussão. In: CARRANO, Paulo; FAVERO, Osmar (orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014. Cap. 3, p. 55-70.
- SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020>
- SILVA, Maria José Santos da. **Da TV Maxambomba ao midiativismo**: a subjetividade pós-mídia. Dissertação (Mestrado em Educação Cultura e Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. [não disponível no Portal da CAPES].

SILVEIRA, Isabella Batista. **Lute como uma menina: gênero e processos de formação na experiência das ocupações secundaristas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2019. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/1410>. Acesso em 10 maio 2020.

SILVEIRA, Isabella B.; GROPPPO, Luís A. As ocupas e as ocupações secundaristas: feminismo, política e interseccionalidade. **Educação e Linguagens**. v.8, p. 24-48, 2019. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/2040>. Acesso em 10 jun. 2021.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 22-40, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>

SOARES, Luiz Eduardo. **O Brasil e o seu duplo**. Todavia, 2019.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **A experiência contemporânea da política entre jovens do sul do Brasil**. Buenos Aires, 2014. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20140623015303/RELATORIOJaniceTirelli.pdf> Acesso em 04 jun. 2021.

SPÓSITO, Marília P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. especial, p. 95-106, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/VBNtmgt3MYnSwYS8HFM9LSJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 05 jun. 2021.

SPÓSITO, Marília P.; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, e228732, 2020. <https://doi.org/10.1590/ES.228732>

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

TAQUETTI, Camila Lopes. **Das Jornadas de Junho às ocupações das escolas (2013-2016): revoltas da juventude brasileira em tempos de crise**. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2021, 284 f.

TAVAREZ, Francisco Mata M.; RORIZ, João Henrique R.; OLIVEIRA, Ian Caetano. As jornadas de maio em Goiânia: para além de uma visão sudestecêntrica do junho brasileiro em 2013. **Opinião Pública**, v. 22, n. 1, p. 140-166, 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-01912016221140>

TREVISAN, Júnior Roberto Faria. **Jovens de luta: educação não formal e formação política no âmbito do movimento estudantil de uma universidade pública sul mineira**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Disponível em: <https://200.131.224.39:8443/handle/tede/1405>. Acesso em 10 maio 2020.

TOMIZAKI, Kimi; DANILIAUSKAS, Marcelo. Os jovens e a política: do mal-estar a novas formas de expressão na vida pública. Entrevista com Anne Muxel. **Pro-Posições**. v. 29, n. 1(86), 2018, p. 347-356.

VENERA, José Isaías. **Da cólera ao acontecimento junho de 2013: do que escapa à representação em Deleuze e Lacan**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça/SC, 2017, 231 f. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5825488](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5825488). Acesso em 6 maio 2021.

VIEIRA, Andressa Brito. **A “ilha rebelde” de novo?: Lutas Sociais e Estado nas Manifestações de Junho de 2013 em São Luís MA**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão,

São Luís, 2016, 205 f. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1538>. Acesso em 6 maio 2021.

VINICIUS, Leo. **Antes de junho**: rebeldia, poder e fazer da juventude autonomista. Florianópolis: Editoria Em Debate/UFSC, 2014.

VOIGT, André F. Jacques Rancière e a história: uma introdução. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, p. 211-234, 2018.

WERNECK, Alexandre. Política e ridicularização: uma sociologia pragmática da “graça” da crítica em cartazes das “Jornadas de Junho”. **Interseções**, v. 21, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.12957/irei.2019.47254>

## ANEXO: DADOS PARA O COSAE-ED – EDUCAÇÃO

### 1. Grupo de Pesquisa

Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia, História e Teoria Social da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

Espelho do grupo: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/30327#identificacao>

### 2. Programa de Pós-graduação

Professor do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Corpo docente do Programa: <https://www.unifal-mg.edu.br/ppge/corpo-docente>

### 3. Doutorado

Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas concluído em 2000.

Tese no repositório da Unicamp: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280786>

### 4. Coordenação de Projeto de pesquisa nacional

Coordenação do projeto de pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos”. Trata-se de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com Bolsa de Produtividade em Pesquisa (processo 02633/2018-9) e por Chamada Universal (Processo 428160/2018).

A equipe envolveu 55 pessoas, entre pesquisadores e estudantes, de 12 instituições: UNIFAL-MG, UFSCar (Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba), USP (Universidade de São Paulo), UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), UFG (Universidade Federal de Goiás), UFPA (Universidade Federal do Pará), UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), UFFS (Universidade da Fronteira Sul, campus Chapecó), UNISINOS (Universidade do Vale dos Sinos) e UEG (Universidade Estadual de Goiás). Abaixo, as coordenações das equipes estaduais:

- 1) Minas Gerais. Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG);
- 2) São Paulo. Kimi Tomizaki (USP);
- 3) Espírito Santo. Lívia de Cássia Godoi Moraes (UFES);
- 4) Pará. Ronaldo Marcos de Lima Araujo (UFPA);
- 5) Paraná. Ana Luisa Fayet Sallas (UFPR);
- 6) Rio Grande do Sul. Rodrigo Manoel Dias da Silva (UNISINOS);
- 7) Santa Catarina. Willian Simões (UFFS);
- 8) Ceará. Flávia Alves de Sousa (UERJ);
- 9) Rio de Janeiro. Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ);
- 10) Goiás. Flávio Munhoz Sofiati (UFG).

Mais detalhes sobre os produtos da pesquisa, incluindo o Seminário Nacional realizado em 2020, podem ser acessados pelo site construído para divulgar a pesquisa: <https://www.ocupacoesestudantis.com.br/>

## 5. Inserção acadêmica internacional

- a) No prelo: publicação de capítulo em coautoria com Andréa Marques Benetti em coletânea organizada por Henri Giroux ao lado de Gustavo de Oliveira Figueiredo, Vera Helena Ferraz de Siqueira e Andréa Costa da Silva: “Educação, direitos sociais e políticas públicas”, a ser publicado em 2022 pela EDUFBA.
- b) No prelo: Entrevista com Rossana Reguillo (México), ao lado de Ana Luisa Fayet Sallas (UFPR), Carusa Gabriela Biliatto (UFPR) e Leila Sollberger Jeolás (UEL), na Campos - Revista de Antropologia (<https://revistas.ufpr.br/campos>).
- c) Publicação de capítulo de livro internacional: GROppo, Luís Antonio. Formative practices of student collectives in a public university. In: Cláudia Pereira. (Org.). **Brazilian Youth: Global Trends and Local Perspectives**. London and New York: Routledge, 2020, p. 24-36. <https://www.routledge.com/Brazilian-Youth-Global-Trends-and-Local-Perspectives/Pereira/p/book/9780367777289>
- d) Articulações da coordenação do GT03 – Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos da ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) para as 39ª e 40ª Reuniões Nacionais da ANPEd: palestra e minicurso de Patricia Hill Collins (EUA), 2019 – <http://39.reuniao.anped.org.br/category/minicurso/>; palestras de Oscar Jara (Peru) e Fabian Cabaluz (Chile), 2021.
- e) Articulações da coordenação do GT03 da ANPEd para seu II Encontro Nacional em 2021, com a palestra de Oscar Aguilera Ruiz (Chile). <https://www.youtube.com/watch?v=jIOBTeE9aoE>
- f) Participação na *Red Juventud*, formada em 2019, por pesquisadoras e pesquisadores de instituições da América do Sul e da Espanha, em torno da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). A rede não tem caráter formalizado, mas tem se integrado via rede social (grupo de whatsapp) em torno da publicação da coletânea “Aproximações com o mundo juvenil”;
- g) Atividades acadêmicas diversas com Andrés Danoso Romo (Chile):
  - Participação minha no evento “100 años de lucha estudiantil en América Latina”, Universidade Playa Ancha, Vina del Mar, Chile, 2017. <https://www.upla.cl/noticias/2017/09/27/cea-organiza-seminario-internacional-100-anos-de-lucha-estudiantil-en-america-latina/>
  - Participação de Andrés em atividades acadêmicas diversas na UNIFAL-MG em 2018, destacando o Seminário Nacional Marx 200 – 1968+50, Alfenas e Poços de Caldas/MG. <https://www.unifal-mg.edu.br/marx200/programacao/>
- h) Apresentação de trabalho e moderador de sessão na 8a Conferencia Latinoamericana y Caribeña de Ciencias Sociales, CLACSO, Buenos Aires, Argentina, 2018. (Seminário). [https://www.clacso.org.ar/conferencia2018/presentacion\\_ponencia.php?ponencia=2018719112232-3415-pi](https://www.clacso.org.ar/conferencia2018/presentacion_ponencia.php?ponencia=2018719112232-3415-pi)
- i) Revisor do periódico Revista de Estudios Sociales (2015-2016). [https://revistas.uniandes.edu.co/pb-assets/res/peer-review/lists/Evaluadores\\_56-1599757057523.pdf](https://revistas.uniandes.edu.co/pb-assets/res/peer-review/lists/Evaluadores_56-1599757057523.pdf)
- j) Organização da coletânea: SOUSA, Janice Tirelli Pontes de (Org.) ; GROppo, L. A. (Org.) **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. 1. ed. Florianópolis:

Editoria em Debate, 2011. v. 1. 408p. O livro reúne 2 capítulos de autores internacionais (Espanha e Angola).

Download disponível em <https://editoriaemdebate.ufsc.br/catalogo/dilemas-e-contestacoes-das-juventudes-no-brasil-e-no-mundo-janice-tirelli-ponte-de-sousa-e-luis-antonio-gropo/>

- k) Publicação de artigo em revistas internacionais sobre juventude:
- GROppo, L. A.. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, p. 567-579, 2015. <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v13n2/v13n2a02.pdf>
  - GROppo, L. A.. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última Década**, v. 33, p. 9-26, 2010. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362010000200002>

## 6. Tabelas de pontuação

### 6.1 Tabela de pontuação por publicações

	Produto	Descrição	ISSN/ ISBN	Ano	Pontos
1	Artigo	GROppo, L. A.; OLIVEIRA, M. A. Ocupações secundaristas em Minas Gerais: subjetivação política e trajetórias. <b>Educação &amp; Sociedade</b> , v. 42, p. 1-18, 2021. <a href="https://doi.org/10.1590/es.240770">https://doi.org/10.1590/es.240770</a>	1678-4626	2021	10
2	Artigo	GROppo, L. A.; SILVEIRA, Isabella B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. <b>Argumentum</b> , Vitória, v. 12, p. 7-21, 2020. <a href="https://doi.org/10.18315/argumentum.v12i1">https://doi.org/10.18315/argumentum.v12i1</a>	2176-9575	2020	10
3	Artigo	GROppo, L. A.; SILVA, Rodrigo. GROppo, Luís Antonio; SILVA, Ronaldo M. D. Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul. <b>Estudos Avançados</b> , v.34, p.409 - 424, 2020. <a href="https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.024">https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.024</a>	1806-799X	2020	10
4	Artigo	GROppo, L. A. OLIVEIRA, Ana Rosa G. de; OLIVEIRA, Fabiana M. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. <b>Revista Brasileira de Educação</b> , v. 24, p. 1-24, 2019. <a href="https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240031">https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240031</a>	1809-449X	2019	10
5	Artigo	GROppo, L. A. et al. Coletivos juvenis políticos em uma universidade pública mineira: microespaço público e experiências de participação no movimento estudantil. <b>Práxis Educativa</b> , v. 14, n. 3, 2019. <a href="https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v14n3.013">https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v14n3.013</a>	1809-4031	2019	10
6	Artigo	GROppo, L. A.; BORGES, Lívia F. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas. <b>Religião &amp; Sociedade</b> , v. 38, n. 3, 2018. <a href="https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n3cap08">https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n3cap08</a>	1984-0438	2018	10

7	Artigo	GROPPO, L. A. et al. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. <b>Educação Temática Digital</b> , v. 19, n. 1, 2017. <a href="https://doi.org/10.20396/etd.v19i1.8647616">https://doi.org/10.20396/etd.v19i1.8647616</a>	1676-2592	2017	10
8	Artigo	GROPPO, L. A. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. <i>Revista de Políticas Públicas</i> , v. 20, n. 1, 2016. <a href="http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v20n1p383-402">http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v20n1p383-402</a>	2178-2865	2016	10
9	Livro	GROPPO, L. A. et al. <b>Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas</b> : política, educação, cultura e religião. 1. ed. São Carlos/SP: Pedro & João, 2020. Disponível em: <a href="https://pedroejoaoeditores.com/2020/06/02/coletivos-juvenis-na-universidade-e-praticas-formativas-politica-educacao-cultura-e-religiao/">https://pedroejoaoeditores.com/2020/06/02/coletivos-juvenis-na-universidade-e-praticas-formativas-politica-educacao-cultura-e-religiao/</a> Acesso em 10 jun. 2021.	978-65-86101-46-1	2020	10
10	Livro	GROPPO, L. A. <b>Introdução à Sociologia da Juventude</b> . Jundiaí: Paco Editorial, 2017. Disponível em: <a href="https://c6ee6991-13b2-43fd-8811-af175a4b44f0.filesusr.com/ugd/6dcdf0_04a710f8107e4c2991854c746cf080b5.pdf">https://c6ee6991-13b2-43fd-8811-af175a4b44f0.filesusr.com/ugd/6dcdf0_04a710f8107e4c2991854c746cf080b5.pdf</a>	978-85-462-1076-3	2017	10
<b>Total</b>					100

## 6.2 Tabela de pontuação para orientações concluídas

	<b>Grau</b>	<b>Orientanda/orientanda</b>	<b>Ano de conclusão</b>	<b>Pontos</b>
1	Mestrado	Mara Aline Oliveira	2020	7
2	Mestrado	Aaron França Teófilo	2020	7
3	Mestrado	Júnior Roberto Faria Trevisan	2019	7
4	Mestrado	Isabella Batista Silveira	2019	7
5	Mestrado	Andréa Marques Benetti	2019	7
6	Mestrado	Marcolina Alves Pereira Silva	2019	7
7	Mestrado	Gabriela Dantas de Faria	2018	7
8	Mestrado	Nikole Pereira Mendonça de Almeida	2019	7
9	Mestrado	Nathally Gomes Lucatelli	2018	7
10	Mestrado	Giovana Carina Leite	2018	7
<b>Total</b>				70

### 6.3 Tabela de pontuação para gestão e liderança acadêmica

	<b>Descrição</b>	<b>Grupo</b>	<b>Período</b>	<b>Tipo</b>	<b>Pontos</b>
1	Membro da Câmara de Ciências Humanas, Sociais e Educação da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais) – CHE <a href="https://fapemig.br/pt/menu-institucional/camaras-de-aval-de-projetos/">https://fapemig.br/pt/menu-institucional/camaras-de-aval-de-projetos/</a>	2	2021-2022	Membro de comitê de área em FAP	50
2	Pró-reitor adjunto de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Alfenas <a href="https://www.unifal-mg.edu.br/prppg/equipe/">https://www.unifal-mg.edu.br/prppg/equipe/</a>	2	2018-2021	Adjunto de atividade do Grupo 1	30
3	Coordenador do Grupo de Trabalho 03 – Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) <a href="https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt03-movimentos-sociais-sujeitos-e-processos-educativos">https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt03-movimentos-sociais-sujeitos-e-processos-educativos</a>	2	2020-2021		20
<b>Total</b>					100